



aiahona

NOVEMBRO DE 1964



O PAI NOSSO

CÔRO DO TABERNÁCULO MORMON, Dr. Richard P. Condie, *Diretor*
 THE PHILADELPHIA ORCHESTRA - EUGENE ORMANDY, *Regente*
 Alexander Schreiner e Frank W. Asper, *Organistas*



Pai Nosso (The Lord's Prayer)
Vinde, oh Santos! (Come, come ye Saints)
Bem-aventurados os que choram (Blessed are they that mourn)
Oh, meu Pai! (O, my Father)
Da Côte Celeste (How great the wisdom and the love)
Sanctus, Sanctus, Sanctus (Holy, Holy, Holy)
Salmo 148 (148th Psalm)
Eis um menino nos nasceu (For unto us a Child is born)
As lamentações de Davi (David's Lamentations)
Londonderry Air

Vencendo com Jesus (Battle Hymn of the Republic)

● **Robertson: Pai Nosso (The Lord's Prayer)**
 Num arranjo relativamente novo, o Côro interpreta esta apreciada e conhecida elocução cristã tal como se encontra na parte final do **Oratório do Livro dos Mórmons**, de Leroy J. Robertson. A cena é o **Continente Americano**, onde Cristo ressuscitado aparece entre as suas "outras ovelhas" e lhes ensina o mesmo evangelho que transmitiu aos judeus, inclusive esta sublime oração. A música tem marcadas conexões com o passado mais em sua acentuação de duração do que na sua acentuação dinâmica, e em suas linhas melódicas que diferem das do Canto Gregoriano. A sinceridade do estilo é típica de Leroy J. Robertson, natural de Utah, cuja posição como compositor genuinamente americano começa a ser reconhecida, tanto na América do Norte como em outros países. Estudioso de Chadwick, Leichtenritt e Bloch, o dr. Robertson revela em sua música uma linguagem que provem principalmente das montanhas e campinas do oeste e dos seus profundos sentimentos sobre família e religião.

● **Billings: As Lamentações de Davi (David's Lamentations)**
 Tanto quanto sabemos, William Billings (1746-1800) foi o primeiro compositor nascido na América a fazer da música profissão. Era antes curtidor, porém sua insatisfação diante da monotonia dos salmos usados pela igreja na época levaram-no a trocar o couro pelas pautas musicais. Se bem que grande parte das suas composições fosse vigorosa (inclusive **Chester**, um hino cantado pelas tropas americanas durante a Guerra de Independência), ele nos deixou nesta peça uma expressão profundamente comovedora do pesar de Davi pela morte do filho, Absalão. O arranjo de Elie Siegmeister é singelo, respeitando a simplicidade da melodia.

● **Londonderry Air (Arr. de Ralph Baldwin)**
 Uma das coisas que atraíram a atenção do artista romântico do século XIX, ao examinar a vida através de lentes cor-de-rosa, foi o folclore de seu próprio país. Por qualquer razão, ele sentiu que a alma da nação estava toda inteira na canção anônima do povo. Não poderíamos citar maior justificativa para este interesse do que "**Londonderry Air**" — trabalho de muitos camponeses, cada qual tendo contribuído com uma pequena alteração na melodia. O resultado é uma canção que tem sido descrita como "a melodia perfeita" — motivo de inveja para muitos dos mais talentosos compositores cidadãos. Tal como é cantada neste disco, no tom de mi-bemol, o contorno melódico sobe três vezes para a tonalidade de dó. Passa, então, para o tom de mi-bemol e finalmente, justamente quando os entendidos diriam que se iria atingir o ponto culminante, estes afáveis camponeses elevam intuitivamente a melodia até atingir a nota sol.

● **Gounod: Sanctus, Sanctus, Sanctus (Holy, Holy, Holy) (Sanctus, da Missa Solene)**
 A voz de Richard Storr abre esta linda e inspirada parte da Missa de Santa Cecília. Esta composição, um dos fragmentos universalmente mais apreciados da Liturgia Católica-Romana, revela as características francesas de pureza e sentimento religioso graciosamente apuradas, tão evidentes nas obras de Saint-Saëns e Massenet tanto quanto nas de Gounod.

● **McIntyre: Da Côte Celeste (How Great the Wisdom and the Love)**
 Outro hino de Eliza R. Snow, musicado por Thomas McIntyre, canta a gratidão pelas intenções e motivos que levaram o Salvador a ser "um sacrifício sem pecado pela culpa."

● **Holst: Salmo 148 (148th Psalm)**

Em contraste com o gracioso sentimento do francês Gounod ergue-se esta rude, porém majestosa manifestação do inglês Gustav Holst. Baseado na melodia do Saltério Genebrès (1543) de L. Bourgeois e numa versão em versos do Salmo por Joseph Bryan (1620), a obra começa com o câro em óitavas vigorosas. A seguir o órgão toma conta da melodia enquanto se ouve uma delicada exposição de terças paralelas em forma de acompanhamento coral. Logo o puro timbre das vozes femininas neutraliza as masculinas, após o que é levada a um final contrapontístico que bem poderia provir do autor de "A Arte da Fuga". Os baixos entram em cena em tons tranquilizadores com a melodia do hino num crescendo e modulada ritmicamente de forma a ser ouvida como tempo duplo. Sobre isto as outras vozes ondulam um contraponto no compasso ternário original, todas as partes construindo um glorioso "Alleluia" que requer dos soprãos um si-bemol alto.

● **Gates: Oh, Meu Pai! (O, My Father)**
 Não foi por coincidência que Eliza R. Snow, que possuía profundo conhecimento dos ensinamentos do Profeta Joseph Smith, escreveu os versos para um dos cânticos mais doutrinariamente significativos do hinário mórmon. Cantado com a música de u'a melodia de James McGranahan, o texto exprime a profunda saudade de um espírito separado, pelo nascimento, do seu celestial ambiente, e seu constante desejo de reaver a presença do Pai e Mãe Celestiais. O arranjo do dr. Crawford Gates (aluno de Howard Hanson e Leroy Robertson) reflete o interesse deste jovem e talentoso compositor pelo colorido orquestral e coral, como se sente na trompa obrigado no segundo verso, que soa nostalgicamente junto às vozes masculinas quando estas cantam a alienação das almas a um mundo anterior.

● **Wilhousky: Vencendo com Jesus (Battle Hymn of the Republic)**

De uma experiência estética com as flores de macieira de Londonderry, passamos para uma combativa versão do Segundo Advento como oferta final nesta coleção de música sacra nas suas mais diversas formas. Ao preparar o arranjo desta música, Peter J. Wilhousky transmitiu às palavras tradicionais de Julia Ward Howe uma apresentação orquestral-coral que nos traz simultaneamente à lembrança os sons de batalha e o esvoaçar de anjos. O ritmo acelera-se, é temporariamente interrompido por uma secção pastoral na qual o câro masculino contempla "a beleza dos lírios", e, depois, parte para uma exclamação final de "Glória! Alleluia! Amém!"

Notas de JAY WELCH
 Diretor-Assistente do Côro do Tabernáculo

"CBS" Marcas Registradas - Indústria Brasileira

Gravado nos EE. UU. por Columbia Records, uma divisão da Columbia Broadcasting System, Inc.

Retidão	6
Ensinemos em colorido	8
Pessegueiros em flôr	18
Buscai, orai, sêde crentes	22
Maior integração entre as missões do Brasil	29
Restauração do Sacerdócio Aarônico	31
A educação da criança	32
Pergunte a Dona Jandira	34

SEÇÕES

Jóias do pensamento	3
Editorial	4
Juventude da Promessa	9
Genealogia	11
Mestres Visitantes	24
Jesus, o Cristo	25
Sacerdócio nas missões	30
Poesia	35

a liahona

NOVEMBRO DE 1964
VOL. XVIII — N.º 11

*Órgão Oficial das Missões Brasileiras da
Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias*

Editôres

C. Elmo Turner
Wayne M. Beck

Redatora

Diva Ferreira

Fotógrafo

Bruce LeRoy Christensen

Tradutoras

Merly Pickel
Terezinha Cristina Costa

Circulação

Maria Tereza Covacs

PREÇOS:

Exterior: ANO US\$ 4.00
No Brasil: ANO ... Cr\$ 500,00
Exemplar: Cr\$ 50,00

Missão Brasileira

R. Henrique Monteiro 215,
C. P. 862, S. Paulo, SP, fone:
80-4638.

Missão Brasileira do Sul

R. Gen. Carneiro 490, C. P. 778,
Curitiba, PR, fone: 4-8016

Os artigos desta edição foram tra-
duzidos de The Improvement Era e
The Instructor.

Registrado sob N.º 93 do Livro B,
N.º 1 e Matrículas de Oficinas Im-
pressoras Jornais e Periódicos, con-
forme Decreto N.º 4.857, de 9-11-1930.
Composto e impresso na Edit. Gráf.
Rossolillo Ltda. - R. Rui Barbosa, 333,
S. Paulo.

GRATIDÃO POR TUDO

RICHARD L. EVANS

Certamente é cortês e adequado agra-
decer as pessoas quando fazem algum
serviço. Isto devemos lembrar tanto em
nossos lares como em tôdas as relações
de nossa vida. O trabalho seria sem
graça e desinteressante se não houvesse
uma apreciação e gratidão por êle.

E uma vez que expressar gratidão às
pessoas é tão importante, quanto mais
importante não será agradecer com fre-
quência a nosso Pai, o Provedor de tô-
das as coisas, que nos deu a vida e
os nossos entes queridos, que garante
a ocorrência dos dias e que não inter-
rompe o curso da criação.

“Em todo o homem honesto há um
sentimento instintivo de que deve haver
uma relação entre o presente e o valor
do recipiente... A pessoa que recebe um
presente sempre se pergunta o que fêz
para merecê-lo. Talvez a melhor parte
de um presente seja a análise que traz
consigo; e, quanto maior o presente,
mais francamente o homem que o re-
cebe procura a si mesmo...” (Editorial
de The Outlook, 29-11-1902)

Assim, fazendo uma análise, ao lado
de nossa gratidão a nosso próximo,
presente e passada, e especialmente aos
entes queridos com quem vivemos, de-
veríamos agradecer a Deus pelo nascer
do sol diariamente, pela esperança do
ocaso de todos os dias, pela beleza do
amor, pela verdade, pela inteligência,
pelas escolas e universidades, pela graça
que recebemos de Deus de possuímos
liberdade de pensamento, de ação e ini-
ciativa, pelos patriotas que têm auxiliado
sua preservação, pelo trabalho que te-
mos, pela paz que temos depois de uma
tristeza, pelo arrependimento, pelo per-
dão, pelo privilégio de progredirmos.

E que nós possamos não apenas agra-
decer pelas “colheitas terminadas, pelas
realizações completas, pelo trabalho
feito”, mas pelo trabalho que deve ser
feito, pelos homens que deverão conhe-
cer a luz, pelas coisas que proverão a
cura do mundo; não apenas pela vida
já vivida, mas por tôda a vida futura,
pelas grandes portas abertas do futuro”
(ibid. 26-11-1904), pelo grande plano e
propósito, pela promessa de possibilida-
des ilimitadas, e pela perpetuação da
vida e de nossos entes queridos.

“Que todo o homem analise seu cora-
ção e sua vida e considere... como Deus
tem sido bom e amável.” (28-11-1903)



EDITORIAL
Presidente
David O. McKay

A reverência é um bela virtude, uma virtude que indica a fôrça do homem, não sua fraqueza. É dito que o amor é o mais alto atributo do homem. A simpatia pelo próximo é outra, mas acredito que poria a reverência logo em seguida ao amor. A reverência é respeito profundo misturado com amor — “uma emoção complexa compreendida de uma mistura de sentimentos da alma”.

A reverência compreende consideração, deferência, honra e estima. Sem um certo grau dela, portanto, não haveria cortezia, nem gentileza, nem consideração para com os sentimentos ou direitos dos outros. É a virtude fundamental da religião.

A reverência para com Deus e as coisas sagradas é a característica primordial da grande alma. Os homens pequenos podem ser bem sucedidos, mas sem reverência nunca podem tornar-se grandes. Um grande homem é reverente. Ele tem reverência com a Deidade; tem reverência com as coisas associadas com a Deidade, e o grande problema que o mundo enfrenta hoje é a atitude em relação a Deus, seu Filho e o evangelho de Jesus Cristo.

Não há muito tempo atrás estivemos perto da Cortina de Ferro. A gente podia sentir a sombra que fazia na cidade de Berlim. Na velha China, a crista e a crença em Cristo foram sufocadas pelos comunistas. A reverência para com

a Deidade e a crença em Deus está definindo nas mentes de muitas pessoas em nações agora conquistadas pelos comunistas, e não precisamos provar o erro de tal ideologia.

Certa vez visitei Taj Mahal na Índia, “um poema em arquitetura”, o mais belo edifício, na opinião de muitos, em todo o mundo, construído por Shah Jehan em memória de sua esposa, Mumtaz Mahal. Não é uma casa religiosa; na realidade é uma tumba. O irmão Hugh J. Cannon e eu visitamo-la quando viajavamos por tôdas as missões do mundo. Havia muitas por lá, estrangeiros e turistas, mas tôdas elas falando em tons moderados. O ambiente criava um espírito de reverência. Os turistas agiam reverentemente porque sentiam que o edifício tinha sido erigido com um outro propósito que não a falta de reverência e agitação.

Em nossa Igreja nossos edifícios são construídos com o propósito de nos comunicar com nosso Pai Celestial. Não posso imaginar qualquer pessoa entrando numa capela com um sentimento de agitação em seu coração.

Entramos em uma capela para cultuar o Senhor. Queremos partilhar de Seu espírito, e partilhando de Seu espírito edificamos nossa própria fôrça espiritual. Na oração dada a nós pelo nosso Salvador a primeira sentença contém as seguintes palavras: “Pai nosso que estás

Reverência

no céu, santificado seja o Teu nome”. (Mateus 6:9). A palavra santificado sozinho está associada com o espírito de reverência e reverência é um dos mais santos atributos da alma. Se você fosse apresentado a um dos reis do mundo, teria em mente algumas perguntas, gostaria de saber como agir e como se vestir. Você, sem dúvida, seria capaz de perguntar e mesmo gastar dinheiro para que se portasse adequadamente. Neste caso você vai se apresentar a uma majestade ou governador terreno por quem você tem muito respeito.

Pelo exemplo e regra as crianças devem se impressionar com a inadequabilidade de confusão e desordem na assembléia de culto. Devem se impressionar na infância e tê-la enfatizada em suas mentes na juventude, que é desrespeitoso falar ou cochichar durante um sermão e que é indelicado deixar a assembléia de culto antes de seu término.

Nas aulas as crianças devem ser ensinadas, devem estar livres para discutir, para falar, para participar da aula, mas nenhum membro da classe tem o direito de distrair um outro ouvinte fazendo perguntas impróprias ou desnecessárias e frívolas. A boa ordem da aula é essencial para instilar nos corações e vidas dos jovens o princípio de auto-contrôle. Eles querem falar e cochichar, mas não podem fazê-lo porque perturbará alguém. A desordem injuria a criança que a faz.

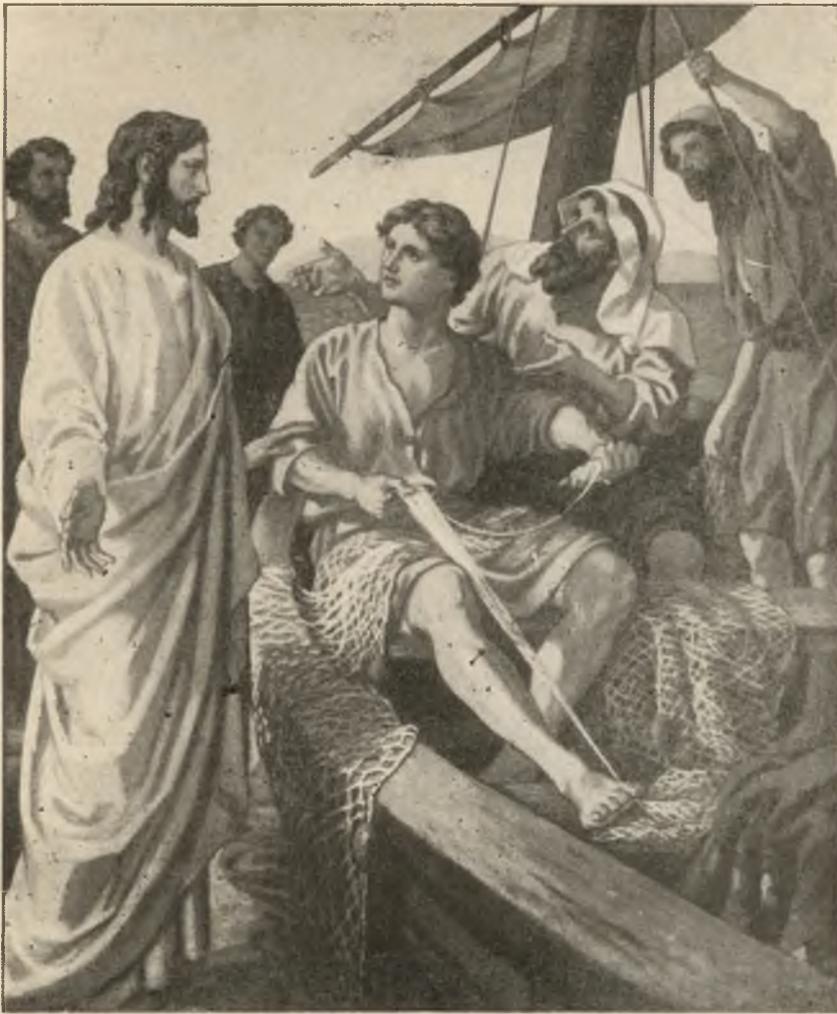
Ela deve aprender que quando está em sociedade há certas coisas que não podem fazer sem punição. Ela não pode infringir os direitos de seus associados.

Se o lugar de reunião é uma capela simples ou um “poema de arquitetura” não faz diferença em nossa atitude com relação a nosso Pai Celestial. O fato de saber que Ele está lá deveria ser suficiente para padronizar nossa conduta.

Três influências na vida do lar despertam influência nas crianças e contribuem para o desenvolvimento de suas almas. São elas: orientação gentil, cortesia entre os pais e entre os pais e os filhos, e oração, na qual as crianças participem. Permita que seu filhos aprendam estas lições ainda na juventude.

A reverência para com o nome de Deus deve ser dominante em todos os lares. A profanação nunca deve ser expressa no lar dos santos. É errado; é irreverente tomar o nome de Deus em vão. Não há provocação que o justificará. Apliquemos essa qualidade e virtude em todos os tempos.

Se houvesse mais reverência nos corações humanos haveria menos lugar para o pecado, mágoa e um aumento da capacidade de alegria e felicidade. Fazer esta gema mais cara, mais adaptável, mais atraente, entre as brilhantes virtudes é um projeto digno dos maiores esforços e oração de cada oficial, cada pai e cada membro da Igreja.



Retidão

(Publicado pelo "Times and Seasons", Nauvoo, Ill., em 15 de fevereiro de 1943.)

"Aquêlê que anda em retidão..." é esta a solene declaração dos profetas antigos. Se examinarmos os oráculos sagrados da divina verdade, veremos que não é pela retidão, mas pela graça "sois salvos, por meio da fé; e isso não vem de nós; é dom de Deus."

Ainda assim, muitos têm andado em retidão: Têm sido castos, virtuosos, honrados e coerentes em seu comportamento e pensam que foram salvos pelas obras, bem como pela fé.

É verdade que o Salvador reprova a retidão egoísta dos judeus; condena suas práticas e desaprova sua conduta; aquêles que trabalham enganosamente pensam que foi suas boas obras que foram reprovadas pelo Salvador do mundo; isso é um grande êrro, pois o Salvador reprovou os fariseus, não por sua retidão, mas por sua hipocrisia

e iniquidade; não por sua virtude, mas por suas abominações.

Êles oravam, jejuavam, salvavam almas e pagavam os dízimos. Não eram condenados por estas coisas, mas por terem transformado o templo de Deus em covil de ladrões, por terem oprimido as viúvas, os órfãos e os indigentes, por negarem seus testemunhos de Deus e por terem perseguido seus servos.

Por isso eram chamados de "sepulcros caiados", pois embora parecessem bons externamente, por dentro "estavam cheios de ossos de mortos e de tôda a imundícia". Foi por causa de suas corrupções, abominações e hipocrisia que foram condenados, não por suas boas obras ou sua retidão.

Alguns pensam que Paulo dispensou a necessidade de boas obras, quando disse que não é pela retidão, mas pela graça que somos salvos.

Veremos, entretanto, que isto é ilusório, pois Paulo conhecia-se muito bem. Pode ter sido, de fato, o "Hebreu dos Hebreus"; e segundo a rigorosidade desta seita, ter vivido como um fariseu.

Mas, o farisaísmo ensinou-o a ser um perseguidor e assassino dos santos, derramando sangue inocente; seu procedimento não era muito reto; permaneceu culpado perante o Senhor, e precisava ser salvo pela expiação de Cristo, arrepender-se e ser batizado para a remissão dos pecados.

Porém, foi dada uma nova dispensação e o evangelho eterno revelado; o reino de Deus estava sendo proclamado e era necessário que Paulo vendesse o que possuía e desse tudo aos pobres, que seguisse o Salvador, obedecesse seu evangelho e fôsse governado por seus ensinamentos e obedecesse seus preceitos.

Muitos naqueles dias, ensinavam que, se cumprissem a lei moral, seriam salvos. Paulo ensinou-lhes algo mais: que na plenitude dos tempos, Deus enviou Seu filho ao mundo para redimir aqueles que estavam sob a lei; por isso, se redenção não fôsse necessária, não estavam em estado de serem salvos e então êle fala entusiasticamente a respeito da fé no Senhor Jesus Cristo, como o Redentor.

Pois se Cristo não foi o Messias, então a fé é vã, bem como os ensinamentos dos apóstolos e dos discípulos. Esta é a doutrina que foi ensinada por Jesus e pelos Apóstolos: "Aquêle que crer e fôr batizado, será salvo; mas aquêle que não crer será condenado."

Não dependia, portanto, de quantas vezes um homem orasse, nem de quantas almas salvasse, nem de quantas vezes jejuasse ou quão pontual fôsse em pagar o dízimo, mas de como cresse. Tiago também reforçou êste pensamento, dizendo que "a fé sem obras é morta em si mesma" (Tiago 2:14-26)

Está bem claro aqui que a fé deve ser acompanhada por boas obras; afirma que transformaram a graça divina em lascívia e diz positivamente que:

"Se alguém destruir o templo de Deus, Deus o destruirá."

Mais adiante, também diz:

"Não sabeis que os injustos não hão de herdar o reino de Deus? Não erreis; nem os devassos, nem os idólatras, nem os adúlteros, nem os efeminados, nem os ladrões, nem os avarentos, nem os bêbados, nem os maldizentes, nem os roubadores herdarão o reino de Deus. (I Coríntios 6:9-10)

Muitos dos profetas antigos afirmaram perante Deus que não deixariam sua retidão; temos Jó como exemplo: "A minha justiça me apearei e não a largarei" (Jó 27:6)

Davi também disse: "Senhor, meu Deus, se eu fiz isto, se há perversidade nas minhas mãos, se paguei com o mal aquêle que tinha paz comigo (antes livreí ao que me oprime sem causa) persiga o inimigo a minha alma e alcance-a; calque aos pés a minha vida sôbre a terra e reduza a pó a minha glória. (Selá) O Senhor julgará os povos; julga-me, Senhor, conforme a minha justiça e conforme a integridade que há em mim." (Salmos 7:3-5, 8)

E Neemias, depois de testificar de Tobias, e expulsar o comércio do templo e repreender os nobres por não pagarem seus dízimos, disse: "Por isso, Deus, lembra-Te de mim e não risques as beneficências que eu fiz à casa de meu Deus e às suas guardas". (Veja o Livro de Neemias 13:14)

E depois de repreender os nobres também por quebrarem o Dia de Descanso, disse a alguns estranhos que se chegaram a êle para tentar interferir pelos judeus: "Protestei, pois, contra êles e lhes disse: Por que passais a noite defronte do muro? Se outra vez o fizerdes, hei de lançar mão de vós. Daquele tempo em diante não vieram no Sábado". Afirmou isso porque os negociantes e vendedores estavam desobedecendo a lei do Sábado.

Mais tarde, quando alguns dos judeus estavam casando-se com mulheres de sangue estrangeiro, disse: "E contendi com êles e os amaldiçoei e espanquei alguns dêles e lhes arranquei os cabelos e os fiz jurar por Deus dizendo: "Não dareis mais vossas filhas a seus filhos e não tomareis mais suas filhas nem para vossos filhos nem para vós mesmos". (Neemias 13:1, 21, 25)

Por isto e outras coisas, disse: "Nisto também, Deus meu, lembrete de mim e perdoa-me segundo a abundância de sua benignidade". (Idem 13:22)

A retidão e justiça de Neemias são realmente um exemplo: mesmo sendo um profeta de Deus, pede a Êle que se lembre dêle.

Os apóstolos também não se esqueceram destas coisas: Pedro disse a Cornélio: "...Deus não faz acepção de pessoas; Mas lhe é agradável aquêle que, em qualquer menção, o tema e obra o que é justo". (Atos 10:34-35)

João diz: "Qualquer que não pratica a justiça não é de Deus" (Veja I João 3:7-10) e "Qualquer que é nascido de Deus não comete pecado".

Em apocalipse nos é dito que... "o linho fino são as justças dos santos". (Apoc. 19:8)

Sabemos que Abraão acreditava em Deus em virtude de sua retidão, mas Tiago nos diz que sua "fé aperfeiçoou-se com suas obras". (Veja Tiago 2:21-24)

Portanto, não é o ouvinte, nem o crente, apenas, mas o cumpridor da palavra que é justificado; pois qual-

quer que seja a virtude que há na fé, sem as obras ela será morta; e essa fé não é de utilidade se não trabalha com amor e não purifica o coração.

E, portanto, Paulo fala sôbre os santos de seu tempo, "tendo cingidos os vossos lombos com a verdade, e vestida a couraça da justiça", (Veja Efésios 6:14) e tendo o coração cheio dos frutos que são produzidos pela retidão.

O evangelho realmente nos torna livres. Sejamos, portanto, cuidadosos ao usar nossa liberdade, não tornando a graça divina em lascívia. Como disse Pedro: "Como livres e não tendo a liberdade como cobertura da malícia, mas como servos de Deus". (I Pedro 2:16)

O Senhor tem feito grandes coisas por nós e revelou-nos "a abundância da paz e verdade; tem manifestado sua vontade e seus propósitos, dando-nos bênçãos e plantando em nosso seio a esperança da imortalidade e da vida eterna.

Sejamos, portanto, merecedores do alto chamado, sendo servos livres, governados por Suas leis, cumprindo Seus mandamentos e fazendo Sua vontade; pois "nem só de pão vive o homem, mas de tôda palavra que sai da boca de Deus." (Leia o evangelho de Mateus 4:4)

Paulo elucidou claramente êste assunto nas palavras que estão transcritas a seguir:

"Porque vós, irmãos, foram chamados à liberdade. Não useis então



da liberdade para dar ocasião à carne, mas servi-vos uns aos outros por caridade. Porque toda a lei se cumpre numa só palavra, nesta: amarás ao teu próximo como a ti mesmo. Se vós, porém, vos mordeis uns aos outros, vede não vos consumais também uns aos outros. Digo, porém: Andai em Espírito e não cumprireis a concupiscência da carne. Porque a carne cobiça contra o Espírito e o Espírito contra a carne e êstes opõem-se um ao outro, para que não taçais o que quereis. Mas, se sois guiados pelo Espírito, não estais debaixo da lei.

“Porque as obras da carne são manifestas, as quais são: prostituição, impureza, lascívia, idolatria, feitiçaria, inimizades, emulações, iras, pelejas, dissensões, heresias, invejas, homicídios, bebedices, glotonarias e coisas semelhantes a estas acêrca das quais vos declaro como já antes vos disse, que os que cometem tais coisas não herdarão o reino de Deus. Mas o fruto do Espírito é: caridade, gôzo, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fé, mansidão, temperança. Contra estas coisas não há lei. E os que são de Cristo crucificaram tanto a carne como crucificaram as suas paixões e concupiscências.

“Se vivemos em Espírito, andemos também em Espírito. Não sejamos cobiçosos uns aos outros, invejando-nos uns aos outros”. (Gálatas 5:13-26)

“Irmãos, se algum homem chegar a ser surpreendido nalguma ofensa, vós, que sois espirituais, encaminhai o tal com espírito de mansidão; olhando para ti mesmo, para que não sejas tentado. Levai as cargas uns aos outros e assim cumprireis a lei de Cristo.

“Porque, se alguém cuida ser alguma coisa, não sendo nada, engana-se a si mesmo. Mas prove cada um a sua própria obra, e terá glória só em si mesmo e não outro”. (Gálatas 6:1-4)

Ensinemos em colorido



por Leon Hartshorn

Numa tarde de verão eu estava deitado num tapete de grama verdinha, perto de umas montanhas. O sol estava dando seu último show de esplendor, antes de se esconder atrás da montanha. Olhei para o céu e vi uma esquisita sombra de azul; havia nuvens aqui e ali, suspensas no ar como flocos de algodão. Árvores de diferentes tonalidades também compunham minha paisagem. Um paparoxo, apanhando um inseto no ar distraiu-me momentaneamente e então meus olhos pousaram em uma família de patos em busca de comida. Simultaneamente passaram a me deleitar o canto das aves que esvoaçavam por ali.

Olhei para as montanhas atapetadas e observei suas diferentes tonalidades de cinza, marrom e verde. Do local privilegiado onde eu estava, podia também ver o vale com suas casas e campos coloridos. Dentro de todo o meu ser senti uma silenciosa paz e alegria. Refleti profundamente sobre Deus e tentei compreender como Êle deve ter Se sentido ao criar um mundo tão magnífico como êste.

“E viu Deus tudo quanto tinha feito e eis que era muito bom.” (Gênesis 1:31)

Usando a imaginação, cerrei meus olhos para fechar as côres dentro de mim. Tentei conceituar o que seria esta paisagem se lhe faltasse todas as côres. Imediatamente surgiu em mi-

nha mente uma comparação entre os filmes em preto e branco e os coloridos. Fiquei melancólico. Pude perceber como seria sem graça e inexpressivo êste mundo se Deus não tivesse incluído as côres em sua criação.

Comparei isto com o ensino e perguntei a mim mesmo: “Será que ensino o evangelho com todas as tonalidades ou apenas em preto e branco? Será que irradio as vívidas nuances da retidão, amor e entusiasmo a respeito de Deus, do evangelho e da vida? Será que meus ensinamentos são vigorosos, vivos e convidativos como a gloriosa cena que presenciei? Ou será que sou um professor responsável pelos mêdos, problemas, ansiedades, doença, falta de oração ou pobreza de fé dos meus alunos, porque apenas lhes ofereço uma paisagem inexpressiva, colorida apenas com tons cinzas?”

Seria um professor premiado se conseguisse dar às crianças, jovens e mesmo adultos da Igreja a mensagem do evangelho em um colorido explêndido. Conseguiria que meus alunos desenvolvessem um desejo insaciável de maior conhecimento e retidão, o que lhes possibilitaria encontrar o caminho da felicidade e vida eterna.

Possamos nós irradiar todo o brilho do plano do evangelho, de forma que nossos alunos o vejam na plenitude de suas côres e glória.

OUÇA

TODAS às 3a, 5a e SABADO
às 18,10 e 18,35 HORAS - PELA

Rádio Voz da Araraquarense

**O MAIOR CÔRO
RELIGIOSO DO MUNDO**

A vida é uma estrada pela qual só se passa uma vez. Para apreciar ao máximo a viagem e alcançar com sucesso seu destino você inicia onde

está, com aquilo que tem para trabalhar, permanecendo alerta aos semáforos, respeitando os sinais, paradas e interrupções ... e você persistentemente se locomove

Para onde vai a estrada...



**Juventude
da
Promessa**

desenhos
DAVE BURTON

Se
desejamos
ser livres, devemos
fazer mais do que viver num
país onde se proclame a liberdade.
Devemos seguir a estrada que leva à
liberdade. A estrada é simples; foi indi-
cada pelo Senhor de todos os homens. Há
quatro requisitos importantes: Primeiro, você deve
aprender a verdade, sôbre Deus, e o propósito da vida.
Segundo, deve tornar-se o mestre de seu próprio corpo. Terceiro
deve aprender a amar a Deus e ao próximo. E quarto, deve
ganhar um testemunho do Deus vivente. Esta é a estrada
para a liberdade. Êste é o caminho ensinado
por Jesus, que encontrou Seu povo sob
jugo político — povo que procurou
convencê-lo a organizar um exér-
cito para solaparem o domínio
romano, ao que êle retrucou:
“Conhecereis a verdade
e a verdade vos
libertará.”
Berrett



Sinais e semáforos

por *Leo J. Muir*

Deus modelou os primeiros semáforos. Foram as estrêlas. Por elas eram guiados tanto os que viajavam por terra como os navegantes. Antes do tempo dos filhos de Israel, Êle lançou uma coluna de nuvem de dia e uma coluna de fogo à noite, e numa dispensação posterior pela estrêla do Oriente, guiou os três magos à mangedoura onde jazia o Cristo infante.

Há semáforos pelos quais podemos ser orientados hoje em dia — semáforos eternos de verdade, sabedoria, lei. Estão baseados nos mandamentos de Deus, experiência dos antepassados, o julgamento das eras, a voz da história. Êstes vastos semáforos, sinais e avisos estão sempre reluzindo diante de nossos olhos. Estas verdades são leis de sucesso e fracasso. Não mudam de geração em geração. São semáforos eternos.



Aqui estão 5 sinais lançados diante de nossa visão. São velhos sinais de estrada, erigidos em eras longínquas do passado. Apareceram em tôdas as línguas e nas filosofias dos povos. São leis infalíveis de sucesso e felicidade.

1

A busca das coisas fáceis enfraquece os homens.

2

Você não conseguirá jamais ter um domínio menor ou maior do que aquele que tem sobre si mesmo.

3

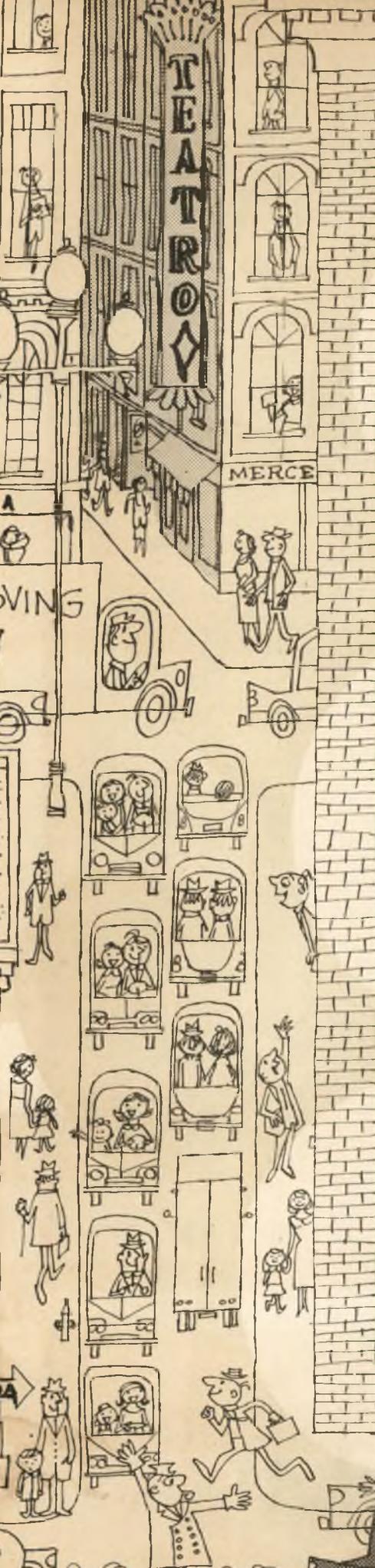
A alegria deve ser encontrada nas coisas triviais.

4

Suas palavras o traem.

5

Aquêle que se expõe à carne colherá corrupção da carne.



Nós escolhemos a conclusão de um ato quando decidimos o que queremos realizar; concordamos com os resultados de uma decisão quando nós a tomamos; optamos por um certo destino quando enveredamos por um caminho ou trilha. “Aquêlê que ergue a extremidade de um bastão, ergue também a outra. Quem escolhe o comêço de uma estrada escolhe o lugar para onde ela conduz.” (Fosdick)

O sábio Salomão disse: “Pondera a vereda de teus pés, e todos os teus caminhos seja bem ordenados.” (Provérbios 4:23-27) Em que veredas você anda? Já considerou cuidadosamente os lugares onde irão dar? Já ponderou sôbre “a vereda de teus pés?” Você está pensando com a mente — e não com desejos, inveja ou emoções? Quem, ao compreender que no final da estrada de conduta limpa e obediência jovial há dignidade e consciência tranqüila de “alegria indescreível”, não escolheria êsse caminho para percorrer ao invés de outro qualquer?... *Se pensasse corretamente!*

Qual de nós, conhecendo o destino dos honestos, dignos de confiança e íntegros, não se apressaria a seguir a estrada que a tal destino conduz?... *Se pensasse com maturidade!*

Qual rapaz ou moça que, almejando alcançar a real felicidade num lar sólido com um companheiro (a) digno e de boa família, negligenciaria as pequenas coisas que conduzem a ela?... *Se pensasse bem!*

Quem não escolheria cumprir uma missão ao reconhecer a grande aventura espiritual em fé e trabalho que representa?... *Se pensasse certo!*

Qual o indivíduo que, conhecendo o prazer da atividade e da amizade íntegra no Reino de Deus com os santos, seguiria o desvio dos atalhos de maus hábitos ou ressentimentos corrosivos ou de companhias indignas... *Se pensasse com sabedoria?*

Quem, depois de pecar e reconhecendo a misericórdia e amor de Deus, não escolheria a estrada do arrependimento e perdão... *Se pensasse com clareza?*

Olhe a estrada que você está percorrendo! Considere o que está no seu final. Pondere a vereda de seus pés... e onde fôr necessário, volte. Ore pedindo auxílio para pensar com clareza e andar com sabedoria. “Ensina-me, Senhor, o Teu caminho e guia-me pela vereda direita” (Salmos 27:11)

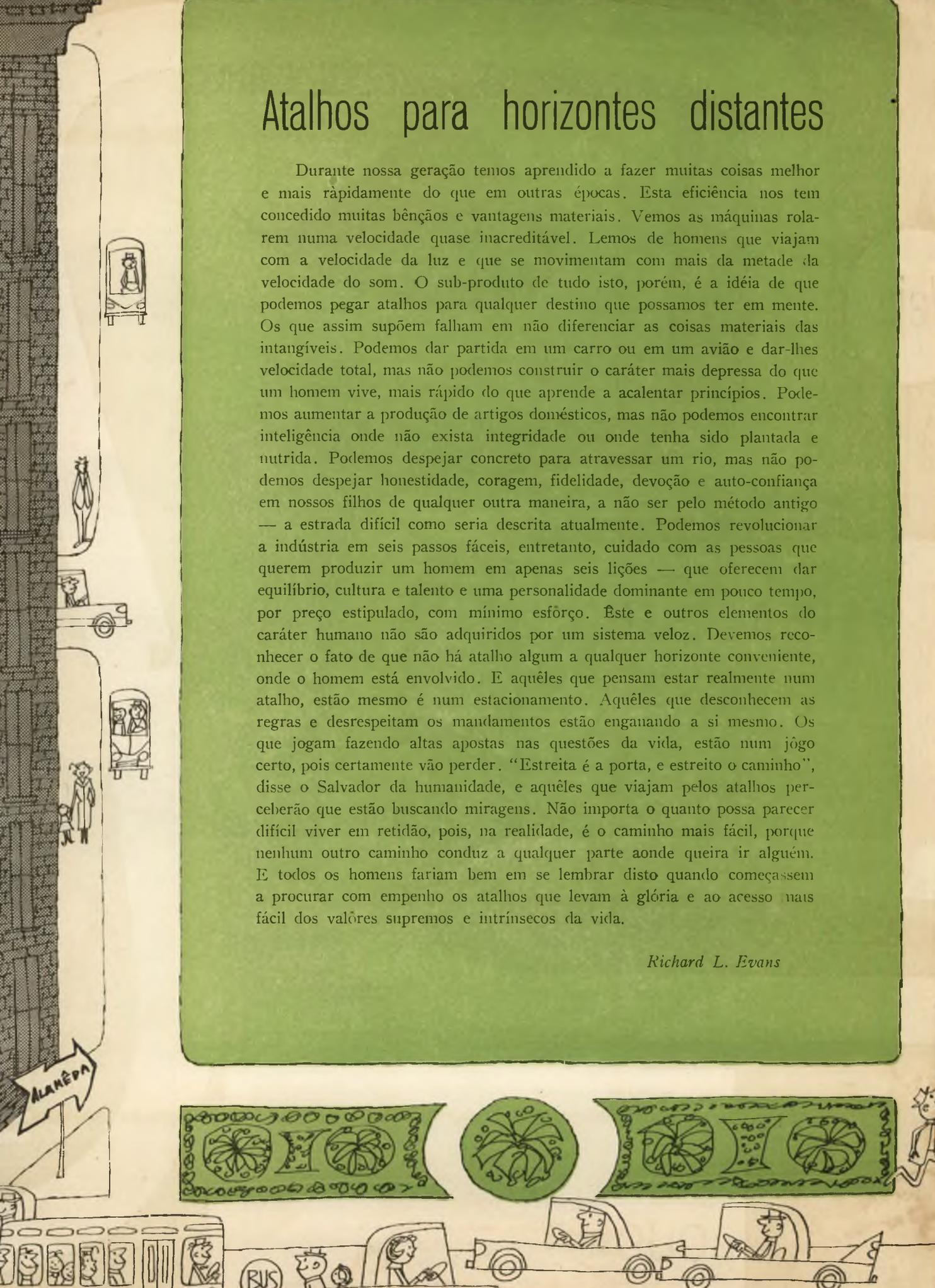
Pense com sua mente, busque o Espírito do Senhor, olhe para o fim da estrada. E enquanto olha, pondera e ora... “os teus ouvidos ouvirão a palavra do que está por detrás de ti, dizendo: Este é o caminho, andai nêle, sem vos desviardes nem para a direita nem para a esquerda.” (Isaías 30:21)

por Marion D. Hanks

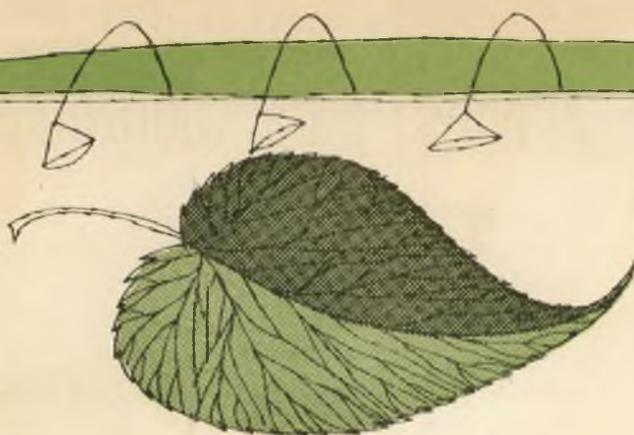
Atalhos para horizontes distantes

Durante nossa geração temos aprendido a fazer muitas coisas melhor e mais rapidamente do que em outras épocas. Esta eficiência nos tem concedido muitas bênçãos e vantagens materiais. Vemos as máquinas rola-rem numa velocidade quase inacreditável. Lemos de homens que viajam com a velocidade da luz e que se movimentam com mais da metade da velocidade do som. O sub-produto de tudo isto, porém, é a idéia de que podemos pegar atalhos para qualquer destino que possamos ter em mente. Os que assim supõem falham em não diferenciar as coisas materiais das intangíveis. Podemos dar partida em um carro ou em um avião e dar-lhes velocidade total, mas não podemos construir o caráter mais depressa do que um homem vive, mais rápido do que aprende a acalentar princípios. Podemos aumentar a produção de artigos domésticos, mas não podemos encontrar inteligência onde não exista integridade ou onde tenha sido plantada e nutrida. Podemos despejar concreto para atravessar um rio, mas não podemos despejar honestidade, coragem, fidelidade, devoção e auto-confiança em nossos filhos de qualquer outra maneira, a não ser pelo método antigo — a estrada difícil como seria descrita atualmente. Podemos revolucionar a indústria em seis passos fáceis, entretanto, cuidado com as pessoas que querem produzir um homem em apenas seis lições — que oferecem dar equilíbrio, cultura e talento e uma personalidade dominante em pouco tempo, por preço estipulado, com mínimo esforço. Este e outros elementos do caráter humano não são adquiridos por um sistema veloz. Devemos reconhecer o fato de que não há atalho algum a qualquer horizonte conveniente, onde o homem está envolvido. E aqueles que pensam estar realmente num atalho, estão mesmo é num estacionamento. Aquêles que desconhecem as regras e desrespeitam os mandamentos estão enganando a si mesmo. Os que jogam fazendo altas apostas nas questões da vida, estão num jogo certo, pois certamente vão perder. “Estreita é a porta, e estreito o caminho”, disse o Salvador da humanidade, e aquêles que viajam pelos atalhos perceberão que estão buscando miragens. Não importa o quanto possa parecer difícil viver em retidão, pois, na realidade, é o caminho mais fácil, porque nenhum outro caminho conduz a qualquer parte aonde queira ir alguém. E todos os homens fariam bem em se lembrar disto quando comessem a procurar com empenho os atalhos que levam à glória e ao acesso mais fácil dos valores supremos e intrínsecos da vida.

Richard L. Evans



veja

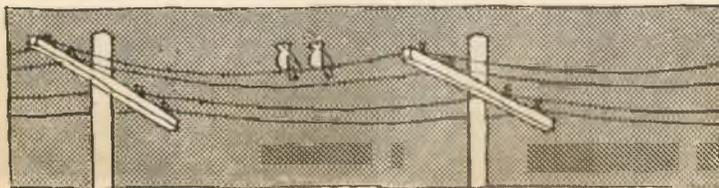


VEJA

*as nervuras de uma fôlha
reflexos do arco-iris nas poças
os moldes em sombras*

SAIBA QUE

quem quer que você seja, onde estiver, qualquer que seja sua estrada, quaisquer que sejam seus companheiros, a viagem pela vida pode ser uma aventura se observar os pontos de interesse durante o caminho. Deixe que seus sentidos o guiem e sua vida será mais rica devido às experiências palpáveis de ver, ouvir, sentir, saborear — imaginar — as maravilhas deste mundo. EC

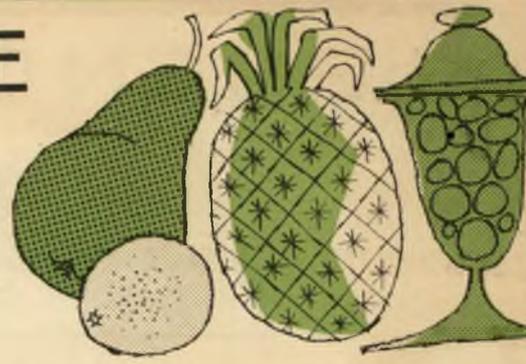


OUÇA

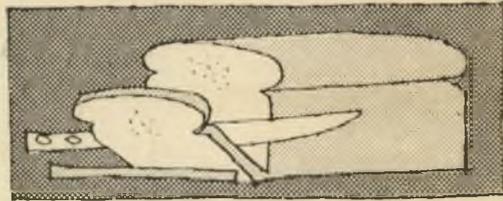
*o vento zunindo pelos fios de alta tensão,
o idioma dos compositores contemporâneos,
a palavra do Senhor.*

SABOREIE

*o novo, o raro,
[o desconhecido
paladar dos alimentos,
as frutas frescas da vinha,
a água da fonte.*



CHEIRE

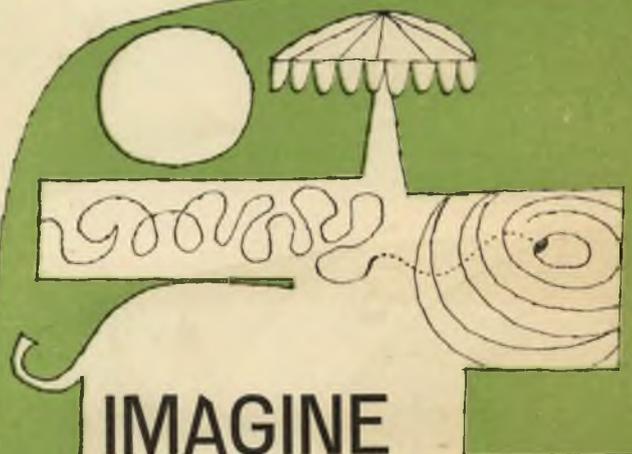


*o ar salitre...
a alfafa recém-colhida...
o pão assado... a roupa lavada no varal.*



SINTA

*o incrível maciez do angorá...
a areia deslizando pelos
pés descalços...
o modo de agarrar do bebê.*



IMAGINE

bons atos... aventuras proveitosas.

LEGENDA

DEVAGAR

EM FRENTE & VELOC

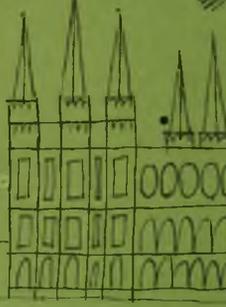


PERIGO



RETORNO





ESCOLA DOMINICA



FACULDADE



REVISTAS



30 Km/h



Pessequeiros em flor

por MYRTLE M. DEAN



Ana sabia, pela expressão preocupada de Davi, que algo na reunião do Conselho saíra mal. Olhou-o ansiosamente e esperou que falasse. Ele tentou sorrir, mas ainda assim, Ana percebeu que algo o preocupava. O Presidente Young chamava sempre alguns de seus irmãos para decidir importantes acontecimentos que inquietavam os santos no vale. Havia muitos problemas e dificuldades nesta nova região. Ana estava contente que Davi fôsse considerado digno de participar de tais Conselhos. Davi não dormiu a noite tóda. Ele trabalha tanto, tem tantas responsabilidades, mas nunca levou tão a sério como agora, pensou Ana.

Davi levantou-se e disse: “Não se levante, Ana, você precisa descansar. Preciso ir com alguns irmãos da Igreja consertar o poço da cidade. Não podemos desperdiçar água este ano.” Davi saiu sem fazer barulho para não acordar as crianças. “Talvez me atrase para o café da manhã”, disse a Ana quanto saía. Certamente, não era só o poço de água que o preocupava; devia haver algo mais. Desde que se casaram haviam enfrentado juntos diversos acontecimentos. Ela não conseguia dormir, mas ficou deitada, pensando nas coisas que aconteceram desde que chegaram ao Lago Salgado.

Ana tinha somente vinte anos quando viajou com o grupo em que Davi também se achava, para atravessar as planícies. Casaram-se um ano depois. Davi era muito estimado pelos que o conheciam. Havia sido chamado pelos líderes para fazer a maioria das tarefas e resolver as dificuldades do povoado. Ela havia tentado permanecer firme e corajosa junto a ele, em tudo que tiveram de enfrentar.

Talvez não deva lembrar dessas coisas, pensou Ana, recordando-se da fome e das penas por que passaram. Lembrava-se como tivera medo quando enfrentaram os índios, nos primeiros tempos. Lembrou-se também de quando o Exército causou seu deslocamento para o Sul. O Senhor havia sido bastante bom para com seu povo, pois agora todos estavam construindo seus

novos lares. Tinham gado e cavalos. Seus jardins estavam bonitos, as hortas cheias de vegetais e hortaliças. Tudo estava tão bom. O que poderia ter acontecido agora?

Ana olhou para fora para ver se Davi estava voltando para o café da manhã. Não o vendo, voltou para o quintal. A manhã estava linda. O sol acima das colinas lançava seus lindos raios por sobre os lares dos santos. Vegetais frescos cresciam eretos. Mais abaixo, estavam plantadas várias árvores frutíferas. Ana lembrou-se das primeiras mudas que haviam plantado, segundo aconselhara o Presidente Young. Quase sem esperanças, haviam aguçado aquelas plantinhas, vendo a seca e os raios do sol quase as queimarem. Quando levantou seus olhos para a árvore, viu a maravilha daquelas flôres dos pessegueiros. Parecia que haviam crescido durante a noite. Teriam preciosas frutas frescas para as crianças neste verão.

Ana também lembrou-se da oração que Davi oferecera ontem à noite antes de ir para a reunião do Conselho. Era cheia de agradecimentos pelas bênçãos recebidas. Agradecera pelas duas filhas, Maria Helena e Nanci e pelo filho, Marcos e também pela esposa, Ana. Antes de terminar, ele havia dito: "Agradecemos-te, Senhor, por ter guiado nosso Profeta a este local maravilhoso e por ter-nos dito: 'Este é o lugar'".

O coração de Ana encheu-se de gratidão ao olhar para aquelas árvores. Parece que seria a melhor estação que teriam no vale.

Ana correu para dentro de casa. Queria mostrar às crianças os lindos pessegueiros em flor. Antes que chegasse à porta, viu Davi voltando com o chapéu na mão. Não estava assobiando, como costumava fazer sempre que voltava do serviço. Ainda havia preocupação em seu semblante. "Não vou esperar que Davi conte suas preocupações. Vou perguntar-lhe agora mesmo."

"Conseguiram consertar o poço? Teremos bastante água?" perguntou.

"Sim, a cidade terá bastante água para as hortas e jardins."

Ana notou a falta de entusiasmo nas palavras de Davi. Olhou-o ansiosamente.

"Você está doente, Davi? Dormiu tão pouco esta noite. Acho que algo está errado."

"Estou bem, Ana. Pelo menos não estou doente." Davi hesitou um momento, antes de continuar. "Simplesmente não sei como dizer-lhe o que preciso." Sua voz pareceu solene e ele continuou: "Temos tentado obedecer nossos líderes, não é, Ana?"

"Claro, Davi. Sempre." respondeu-lhe. Tantos homens estavam sendo chamados para a missão, talvez fôsse isso que estava acontecendo agora.

"Davi, se você foi chamado para a missão, está muito bem, daremos um jeito. Marcos está crescendo depressa, poderá ajudar nos campos e as meninas cuidarão da casa. Se for essa sua preocupação, não se amofine."

"Ana, o chamado não é só para mim. É para todos nós. Para toda a família."

"Davi, você não está dizendo que teremos que abandonar nossa casa, está?"

"Ontem à noite, na reunião, Presidente Young disse que estão precisando muito de famílias nos povoados do sul. O Presidente pediu-me para ir com minha família. Estão chegando tantos a este vale, que breve não haverá lugar para todos."

"Oh, Davi, você disse que nós iríamos?"

"O Presidente Young não nos pediu, Ana; ele disse-nos para irmos e falou com firmeza: "Irmãos, depois de muito pensar e orar, tive inspiração de chamar alguns a outros povoados do sul, a fim de ajudarem na colonização e construção de casas para os novos santos que estão chegando. Depois de muito orar, Ana."

O rosto de Ana tornou-se pálido e torcia as mãos nervosamente. Sua voz estava embargada quando disse:

"Davi, quando viemos a este vale, Presidente Young disse: 'Este é o lugar'. O Profeta falou que aqui seria construído o templo, Davi. É aqui que ele guiou seu povo."

"É verdade, Ana. Mas agora há a necessidade de novos lugares para os que estão chegando."

Ana cobriu o rosto com as mãos e enxugou as lágrimas. "Mas porque devemos ir, Davi? Sempre obedecemos nossos líderes, plantamos e trabalhamos bastante para construir nossos lares. Porque não foram chamados aqueles que não obedecem aos líderes e não cuidam de suas terras? Porque não vão eles em vez de nós? O Presidente Young disse que

se obedecêssemos, seríamos abençoados aqui."

"Porque eles não fariam melhor em outros lugares do que fizeram aqui. Sim, Ana, temos sido bastante abençoados aqui. Seremos felizes em qualquer lugar se obedecermos nossos líderes."

"Porque não pedimos ao Presidente Young? Podemos mostrar-lhe o que isto significa para nós."

Davi abaixou a cabeça lentamente, depois disse com firmeza: "Não podemos dar conselhos ao Presidente, Ana. Ele é nosso profeta e sabe o que é melhor para a Igreja."

Ana já não sabia o que fazer para convencer Davi. Talvez se mostrasse os lindos pessegueiros em flor, ele poderia entender o que ela queria dizer.

"Venha aqui, Davi. Veja as flôres dos pessegueiros." Ana levou-o para o quintal. O rosto de Davi iluminou-se diante de tamanha beleza. Ficaram em silêncio, respirando a suave fragrância das flôres. Ana ouviu o barulho dos trabalhadores que estavam cortando as pedras para o templo e um súbito pensamento veio à mente de Ana, ao pensar no templo que estavam construindo. "Davi, lembra-se da bênção patriarcal que você recebeu? Lembra-se do que dizia?: 'Você ajudará na construção do templo de nosso Deus.' É aqui que o templo está sendo construído, Davi."

Por um momento, Davi ficou pensativo, ouvindo o barulho dos martelos. Então seus olhos voltaram-se para Ana: "Sim, querida, lembro-me dessa bênção. Mas lembro-me também das palavras do profeta quando disse que os santos construiriam muitos templos em vários lugares. Este templo terá seis torres, mas outros terão só uma. Lembra-se, Ana?"

"Oh, Davi, Davi", repetiu e entrou correndo para casa.

Davi e seu filho Marcos foram para o campo, como sempre, alimentar os animais, embora tivessem que partir dentro de uma semana. Havia dez famílias que deveriam ir juntas para a região sul.

Era duro para Ana deixar tôdas essas plantas e flôres. Só pensar que tudo que havia feito seria aproveitado por outros.

As crianças foram brincar fora da casa e Ana ficou contente em achar-se sozinha. Mas sua solidão foi quebrada. A irmã Adams veio a seu encontro com os olhos cheios de lágrimas.

"Ana, John contou-me que vocês também foram chamados para partir. Você vai deixar este vale para ir àquele lugar horrível? Ouvi dizer que é muito pior do que era isto aqui quando chegamos."

"Oh, Sara, espero que aconteça algo que nos impeça de ir, mas você sabe como Davi é. Ele nunca recusaria obedecer a um líder."

"Eu simplesmente não posso ir, Ana. Minha filhinha é tão fraca. Ela não suportaria esta viagem tão longa. O sol vai fazer muito mal para a sua saúde."

A irmã Luci também veio à sua casa aquela manhã: "Dizem que há pântanos, cobras, lagartos e que é muito fácil de apanhar febre e até morrer por causa dela. E ainda assim, José acha que devemos obedecer."

Oh, porque meus amigos me procuram? Como posso dar-lhes conforto, quando eu mesma estou tão infeliz? Sim, quando cada um deles chegava, Ana via-se falando as mesmas coisas que Davi lhe dissera pela manhã. Durante toda a manhã, Ana pensou se haveria um meio de ajudar Sara. É verdade que a filhinha dela poderia padecer muito se não tomassem cuidado. Nisso Ana lembrou-se de como sua avó usava certas ervas para curar. Ela já morreria, mas os métodos que usava eram tão simples, somente a infusão de ervas, bastante sol e ar puro. A filhinha de Sara sempre ficara fechada dentro de casa, proibida de brincar com as outras crianças! Ana correu para o quintal, onde estavam plantadas algumas ervas. Escolheu algumas. Presidente Young havia aconselhado a usar êsses chás para a saúde de sua família.

Ana foi até a casa de Sara e viu tudo às escuras e a pequena Alice sentada, pálida. Entrou e disse a Sara: "Irmã, porque não usa algumas dessas ervas? Acho que são muito boas para recondicionar o sangue, principalmente agora, durante a primavera."

"Bem, parece que o médico não ajuda nada, mesmo; não custa tentar. Lembro-me que sua avó era uma ótima enfermeira. Você deve ter o mesmo dom, Ana."

"Sara, acho que o clima do sul e a mudança de ares serão ótimos para a pequena Alice. Dizem que o inverno lá, é menos rigoroso que aqui." Ana percebeu que sua voz estava cheia de entusiasmo.

"Sabe, Ana, acho que foi Deus que a enviou aqui hoje, pois tenho certeza agora que será muito melhor para Alice se nos mudarmos daqui."

O coração de Ana parecia mais leve, enquanto ouvia as palavras de Sara.

Dez vagões estavam parados em direção ao sul. A cada um estava ligado um par de cavalos ou mulas. Estavam cheios com os pertences dos viajantes. Outros carroções carregavam as famílias. As crianças estavam todas excitadas com a nova aventura. Os homens e as mulheres subiam nos carroções, chamando as crianças.

Juntos, Davi e Ana ouviam as vozes de suas crianças atrás do carroção: "Mamãe diz que os pêssegos crescerão mais depressa no clima do sul, para onde vamos, disse Maria Helena.

"Sim, mas nem foram plantados ainda", disse Marcos desconsoladamente.

"E as crianças que virão aqui comerão os rissos no verão. Bem que eu gostaria de pêssegos com creme, porém mamãe diz que serão mais gostosos se esperarmos mais", disse Nanci, séria.

"Que poderei dizer-lhes? Como posso acalmar seus desapontamentos?" Abriu a pequena cortina que os separava e disse:

"Queridos, vocês viram como as novas crianças eram pálidas e magras? Acho que devemos ficar contentes em poder deixar-lhes algo que as ajudará a terem saúde e serem felizes. Devemos nos alegrar por não termos deixados cardos, mas rosas."

"Puxa, acho que estou feliz que seja assim", disse a pequena Nancy, "mas que vontade de comer pêssegos."

"Dizem que dá bastante algodão lá no sul. Já pensou que gostoso desfiar o algodão?" disse Marcos, tentando parecer alegre.

"Lá estão Irmão Young e irmão Kimball e irmão Wells, falou Ana. Vejam o irmão Taylor e muitos outros vindo atrás dele."

"Sejamos corajosos, Ana. Sejamos corajosos para dizer adeus aos irmãos com um sorriso." A voz de Davi estava emocionadíssima.

"Esperamos que Deus os acompanhe sempre. Levem nossas bênçãos consigo." Era a voz do Presidente Young, que falava com voz firme e segura. Os líderes saudaram-nos com as mãos, enquanto os carroções iniciavam a marcha.

"Todos prontos para partir. Vamos rumo ao sul", gritou uma voz em frente.

Agora, por um momento, Ana voltou-se mais uma vez para o lar que estava deixando. Olhou mais uma vez para as lindas flores dos pessegueiros. O sol lançava seus raios sobre eles. Colocou sua mão na de Davi e ficaram em silêncio por algum tempo. Então disse Ana: "Davi, a obediência é muito melhor do que o sacrifício e também... muito melhor do que pêssegos."

"Deus a abençoe, Ana", disse Davi, enquanto suas vozes se perdiam no barulho das rodas.

~ ○ ~

A fé é o primeiro princípio da religião revelada. Está escrito que sem fé é impossível agradar a Deus. Também está escrito que devemos viver pela fé. Portanto, digo que é necessário que todos os homens tenham fé em Deus, o Provedor e Criador de todas as coisas, o Legislador dos céus e da terra. Sem fé os mundos não poderiam ter sido criados; nem conservadas as suas posições; mas pela fé todas as coisas são possíveis com Deus e com o homem.



Presidente

Joseph F. Smith

“Buscai diligentemente, orai sempre e sêde crentes, e tôdas as coisas revertirão para o vosso bem, se andardes retamente e vos lembrardes do convênio que fizestes uns com os outros”. (D&C 90:24.)

Esta revelação foi dada quando a Igreja não tinha ainda três anos de existência, em março de 1833. Isso quer dizer que, naquela época, os membros eram batizados há apenas três anos. Os inimigos começavam a perseguir aqueles que confessavam ser membros da Igreja de Jesus Cristo. Por causa da perseguição assassina e impiedosa, são vistos em nossos dias como a interpretação da parábola do semeador. Alguns membros deram frutos, “um a cem, outro a sessenta, outro a trinta” (Mat. 13-8.)

Por causa da falta de experiência dos líderes daquela época sôbre a administração da Igreja, ocorria confusão e desunidade entre os membros. A imaturidade dos membros era bem evidenciada pelas discussões e contendas. Havia um espírito de apostasia que prejudicava o desenvolvimento da Igreja e causava a destruição de sua estrutura.

Tornava-se necessário que o Senhor admoestasse o povo, dando-lhe instruções de como deveriam “buscar diligentemente, orar sempre e ser crentes”, para que tôdas as coisas que acontecessem fôssem para o seu próprio bem.

Ser diligente significa ser trabalhador, o que é o contrário de ser preguiçoso, descuidado ou indiferente. Em outras palavras, é conhecer a doutrina da Igreja e as instruções dadas a respeito do procedimento correto, não se esquecendo da oração.

Nossos missionários aprenderam que uma pessoa não é convertida enquanto não orar de joelhos, para saber se Joseph Smith foi um profeta de Deus, e se a Igreja é mesmo de Jesus Cristo.

Quando Chaucey Depew celebrava seu nonagésimo aniversário, perguntaram-lhe sôbre sua filosofia de vida. Ele respondeu que, quando jovem, sua maior ambição tinha sido a de mostrar sua inteligência, mas quanto mais velho se tornava, mais ciente ficava de sua ignorância.

Depois que Moisés teve a estardalcedora revelação da personalidade de Deus, disse: “Pois sei que o homem é nada, coisa que nunca havia imaginado” (Moisés 1:10.) Esse foi o começo de sua sabedoria.

Ser crente significa, primeiramente, obter um testemunho e depois lutar para conservá-lo. Portanto, precisamos procurá-lo: “Não receberão testemunho até que provem sua fé.” Como o Senhor falou: “O que é nascido do Espírito é Espírito”. “O vento sopra onde quer, e ouves a sua voz, mas não sabeis de onde vem, nem para onde vai. Assim é todo aquele que é nascido do Espírito Santo.” (João 3:6 e 8.)

O poder do Espírito Santo foi mais detalhadamente explicado numa revelação aos santos, quando o Senhor disse: “... na verdade te digo, que tão certo quanto vive o teu Senhor, assim também receberás conhecimento concernente às gravações de velhos e antigos anais que contém as partes da Minha escritura que foram mencionadas pela manifestação do Meu Espírito. Sim, eis que, direi à tua mente e ao teu coração, pelo Espírito Santo, que virá sôbre ti e habitará em teu coração.” (Doutrina e Convênios 8:1-2.)

E disse mais tarde, que se andassem em retidão, lembrando Seus mandamentos, teriam tôdas as coisas boas. Andar em retidão significa ser moralmente correto, honesto, justo e honrado. Pois o Senhor falou a Ênos, neto de Lehi: “Visitarei teus irmãos de acôrdo com o esmêro que tiverem em guardar os mandamentos” (Ênos 1:10.) A mesma coisa foi repetida quando o Senhor pronunciou esta grande verdade: “Eu o Senhor, estou obrigado quando fazeis o que Eu digo; mas quando não o fazeis, não tendes promessa nenhuma.” (D&C 82:10.)

A natureza do convênio que fazemos quando entramos nas águas do batismo foi bem explicada quando o Senhor disse: “E, outra vez, como mandamento da Igreja com respeito ao modo de batizar — Todos aqueles que se humilharem diante de Deus e desejarem se batizar, e vierem com um coração quebrantado e espírito contrito, testificando diante da Igreja que se arrependeram de seus pecados, e estão dispostos a tomar sôbre si o

“Buscai... Orai... Sêde Crentes”

HAROLD B. LEE
do Conselho dos Doze



nome de Jesus Cristo, com o firme propósito de servi-lo até o fim e manifestar verdadeiramente, por suas obras que receberam o Espírito Santo para remissão de seus pecados, serão recebidos por batismo na Sua Igreja. (D&C 20:37.)

O povo do Livro de Mórmon foi instruído da mesma maneira: “E agora, falo a respeito do batismo. Eis que os élderes, sacerdotes e mestres foram batizados, mas eles não foram batizados senão depois de se tornarem dignos através de suas boas obras. Nem recebiam a qualquer por batizar, se não viesse com um coração quebrantado e um espírito contrito, testificando à igreja que verdadeiramente se arrependeu de todos os seus pecados. (Moroni 6:1-2)

O rei Benjamim explicou o batismo da seguinte maneira: “e agora, por causa do convênio que fizestes, sereis chamados filhos de Cristo, Seus filhos e Suas filhas; pois eis que neste dia êle vos gerou espiritualmente; pois que dizeis que vossos corações se transformaram pela fé em Seu poder; portanto, vós nascestes d’Êle, vos tornastes Seus filhos e Suas filhas.” (Mosiah 5:7.)

Outros profetas fizeram esta pergunta àqueles que queriam ser batizados: “Estais dispostos a servir de testemunhas de Deus em qualquer tempo e em tôdas as coisas e em todo lugar em que vos encontréis, afrontando até a morte?” (Idem 18:9.)

O profeta que estava oficializando os batismos, disse aos primeiros que foram batizados: “Elá, eu te batizo, tendo autoridade de Deus todo Poderoso, como testemunho de que haveis prometido servi-LO até a morte, segundo a morte corporal; e que o Espírito do Senhor se derrame sôbre ti e te conceda a vida eterna, pela redenção de Cristo, a que Êle preparou desde a fundação do mundo.” (Idem 18:13.)

Nunca houve uma época em que os membros da Igreja em geral e, particularmente, os novos, tanto nas missões como nas estacas, precisassem mais de admoestação do Senhor, quando lhes disse: “Buscai diligentemente, orai sempre e sêde crentes e tôdas as coisas reverterão para o vosso bem, se andardes retamente e vos lembrardes dos convênios que fizestes uns com os outros.” (Doutrina e Convênios 90:24.)

Milhares de membros novos cons-

troem o fundamento de sua fé durante o batismo, mas não sabem que há lóbos com peles de ovelhas ao seu redor. Os membros mais antigos com seus maus exemplos, “pecam contra seus irmãos, ferindo sua fraca consciência” (Veja I Cor. 8:11-13.); as dissensões e confusões resultam da falta de experiência; a onda de perseguição de fora pode levá-los, envolvendo-os numa rêde de apostasia, a menos que ouçam as palavras do Senhor.

Estive há pouco na Austrália, e depois de passar uma tarde dando instruções aos líderes das estacas, um dos irmãos levantou a mão e disse: “Irmão Lee, o senhor passou uma tarde inteira dizendo-nos o que fazer. Agora responda-nos mais uma pergunta: Como obtemos o poder espiritual para liderar êste povo e instruí-lo?” Tenho tentado responder esta pergunta desde que êle a fêz. Talvez um pouco de ilustração ajude a resposta.

Recebi uma carta de um patriarca que fôra instruído que quando abençoasse uma pessoa, deveria fazê-lo por inspiração divina e não por si mesmo. Depois dessa ordenança, procurou saber como distinguir entre o que o Senhor inspirou e seu próprio pensamento. Disse que se lembrava do que o Senhor admoestou na primeira revelação ao profeta Joseph Smith e Oliver Cowdery: “... portanto não podés escrever o que é sagrado, a não ser que o diga.” (Doutrina e Convênios 9:9.)

“Assim, meu problema estava finalmente resolvido” escreveu-me, “chegando a esta conclusão: Você foi chamado e ordenado para êste trabalho por um servo de Deus. Tem a autoridade para agir. Deve viver tão perto do Senhor quanto puder. Deve procurar orar para ter inspiração e depois cumprir seus deveres com humildade, reconhecendo que tudo que fêz foi o melhor de si; com a crença de que tôdas as bênçãos que deu foram inspiradas.”

A fórmula do Senhor para os líderes é esta:

“E outra vez, Eu vos digo, que a ninguém será permitido sair a pregar Meu evangelho ou edificar Minha igreja, a não ser que tenha sido ordenado por alguém com autoridade e que a Igreja saiba que tem autoridade e que foi prôpriamente ordenado pelos líderes da Igreja. E novamente os élderes, sacerdotes e mestres desta

Igreja deverão ensinar os princípios do Meu evangelho que estão na Bíblia, e no Livro de Mórmon, nos quais se acham os princípios de Meu evangelho. E deverão observar e praticar os convênios e regras da igreja e êstes serão seus ensinamentos, conforme forem dirigidos pelo Espírito. E o Espírito ser-vos-á dado pela oração da fé; e se não receberdes o Espírito, não deveis ensinar.” (D&C 42:11-14.)

Resumindo, significa que há quatro requisitos para que uma pessoa possa trabalhar no Reino de Deus:

1. Deve ser ordenado.
2. Deve ensinar obedecendo os padrões da igreja.
3. Deve viver o que prega.
4. Deve ensinar pelo Espírito Santo. “... Porque quando um homem fala pelo poder do Espírito Santo, êsse poder abre os corações dos filhos dos homens.” (II Nefi 33:1.)

Bem, parece que o Senhor nos disse como seus servos devem ser inspirados, exatamente como Alma instruiu aos filhos de Mosiah, que foram missionários bem sucedidos:

“... sim, haviam progredido muito no conhecimento da verdade ... tinham-se entregado a muitos jejuns e orações; por isso tinham o espírito da profecia e o espírito da revelação e quando ensinavam, faziam-no com poder e autoridade de Deus.” (Alma 17:1-3.)

Conheci um homem em Brisbane, Austrália, que dizia que durante tôda sua vida procurara uma igreja que respondesse sua pergunta: “Deus e Seu filho, o Salvador vivem em sua igreja hoje?” A resposta era sempre a mesma negativa.

“As escrituras cessaram; não existe profetas com os quais o Senhor fale hoje em dia. Deus não Se revela ao homem.”

Êste homem estava em convalescência de um doloroso acidente, quando recebeu a visita de dois jovens, missionários da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Eles prestaram seu testemunho de que o Senhor tinha aparecido ao Profeta Joseph Smith, respondendo sua pergunta sôbre a igreja verdadeira de Jesus Cristo na terra e dizendo-lhe que não se unisse a nenhuma igreja, pois estavam tôdas erradas...

... “Eles se chegaram a mim com os lábios, porém seus corações estão longe de mim; eles ensinam como doutrina os mandamentos dos ho-

mens, tendo uma religiosidade apenas aparente, mas negam o meu poder.” (Joseph Smith, 2:19.)

Aqui estava a resposta que procurava. E o Espírito da Verdade deu-lhe o testemunho de que esta é a Igreja de Cristo, com a qual o Pai e o Filho estavam vivendo hoje.

Brigham Young, falando a êsse mesmo respeito, disse: “Se me tivessem apresentado o Livro de Mórmon, com todo talento, tato e sabedoria, declarando com eloquência sua veracidade, tudo teria sido para mim o mesmo que a fumaça que se perde nos céus.

Entretanto, quando vi um homem sem eloquência ou talento falar em público, dizendo estas palavras — “Sei pelo poder do Espírito Santo que o Livro de Mórmon é verdadeiro, que Joseph Smith é um profeta de Deus,” e o Espírito Santo procedendo dêsse homem, iluminando meu entendimento, a luz, glória e imortalidade surgiram diante de mim. Fui circundado por elas, e senti que seu testemunho era verdadeiro.” (Journal of Discourses, Vol. I, p. 90.)

Devemos ensinar tendo isso em mente. Se o Espírito Santo não der testemunho do que dizemos, não podemos e nem seremos missionários bem sucedidos.

Ouvi um missionário contar uma visita do Presidente McKay a Glasgow, quando um jovem repórter, olhando o Presidente McKay, perguntou: “O senhor é um profeta de Deus?”. O Presidente olhou-o nos olhos e disse: “Jovem, olhe-me nos olhos e responda a sua própria pergunta.”

O jovem disse: “Olhei nos olhos do Presidente e recebi minha resposta e testemunho que êle é um verdadeiro Profeta de Deus; e disso eu presto testemunho em nome de Jesus Cristo.”

“Se o Senhor não edificar a casa, em vão trabalham os que a edificam; se o Senhor não guardar a cidade, em vão vigia a sentinela.” (Salmos 127:1.)

Os servos de hoje, sem escola ou experiência como os de outrora, devem seguir em frente, “cooperando com êles o Senhor, e confirmando a palavra com os sinais que se seguiram.” (Marcos 16:20.)

Que o Senhor nos abençoe e ajude a buscar diligentemente e a andar em retidão, lembrando os convênios que fizemos uns com os outros.



Mensagem dos Mestres Visitantes
para dezembro

Buscando Nossos Mortos

Os profetas nos têm ensinado que sem nossos mortos nós não podemos ser aperfeiçoados. O Plano de Salvação observa que todos aqueles que morreram sem conhecimento do evangelho podem ouvi-lo e, se o aceitarem, poderão também receber o dom da vida eterna.

Pedro deixou isto bem claro em sua primeira epístola universal: “Porque por isso foi pregado o evangelho também aos mortos, para que, na verdade, fôssem julgados segundo os homens na carne, mas vivessem segundo Deus em espírito”. (I Pedro 4:6).

O evangelho é imutável, os mesmos princípios, as mesmas ordenanças e as mesmas condições que se aplicam para a salvação dos vivos, também se aplicam à salvação dos mortos. Os mortos que viveram no período em que o evangelho ainda não estava sobre a terra ou que não tiveram oportunidade de partilhar dêle na mortalidade, também precisam receber suas ordenanças templárias para ganhar a vida eterna.

Há uma forma pela qual êles poderão obter essas bênçãos, isto é, através do trabalho vicário realizado pelos vivos. Desde que a casa do Senhor é uma casa de ordem, os mortos também precisam ser adequadamente identificados.

Qual é o estado de seus ancestrais? Você já iniciou êste importante trabalho de pesquisa? Se não, quando pretende começá-lo? Se a ida ao tem-

plo dependesse da pesquisa que você faz para seus próprios ancestrais, você ainda poderia gozar dêsse privilégio? Para manter templos abertos e em operação é necessário muita pesquisa. Em alguns casos leva mais tempo fazer a pesquisa do que completar o trabalho vicário.

Ir ao templo para fazer as ordenanças pelos mortos é uma experiência espiritualizadora. Cada um de nós devia planejar ir ao templo e tirar dessa visita o máximo de proveito. Não somos negligentes se a alegria pacífica que procuramos ao irmos ao templo vier de fazermos o trabalho por alguém que não é nosso ancestral? A maneira de obter a bênção máxima que resulta da visita ao templo é fazer o trabalho para nossos próprios mortos.

Que tipo de recepção podemos esperar receber de nossos ancestrais mortos quando partirmos desta vida, se não houvermos feito nada por êles? Alguns de nós podemos não ser bem sucedidos na busca da genealogia de nossa família, mas nunca devemos nos desencorajar de nossa obrigação para com êles, até que tenhamos feito o máximo que estava a nosso alcance.

Em virtude das muitas facilidades da época atual, a pesquisa é muito mais fácil hoje do que em tempos anteriores. Há mais registros à disposição. A microfilmagem dos registros da Igreja e as estatísticas vitais têm sido fontes excelentes para muitos pesquisadores persistentes.

JESUS, O CRISTO

CAPÍTULO XVI

OS DOZE ESCOLHIDOS

JAMES E. TALMAGE

SEU CHAMADO E ORDENAÇÃO^a

A noite que precedeu ao amanhecer em que os Doze Apóstolos foram chamados e escolhidos o Senhor passou-a em retiro solitário, orando a Deus.^b Então, quando o dia amanheceu, e enquanto muitas pessoas se reuniam para ouvir o novo e maravilhoso Evangelho do reino, Ele pediu a alguns para se chegarem mais perto, pois estes até então, tinham-no acompanhado devotadamente como Seus discípulos ou seguidores, e dentre eles escolheu doze, a quem ordenou e nomeou apóstolos.^c Antes desta ocasião, nenhum destes havia sido comissionado com determinada incumbência de autoridade ou nomeação especial; haviam tomado parte com os discípulos em geral, embora tenhamos já visto, sete deles haviam recebido um chamado preliminar, o qual aceitaram de início, abandonando inteiramente ou em parte seus negócios particulares, e seguindo o Mestre. Estes eram, André, João, Simão Pedro, Felipe, Natanael, Tiago e Levi ou Mateus. Entretanto, antes deste dia memorável, nenhum dos Doze tinha ainda sido ordenado ou escolhido para seu ofício sagrado.

Os três evangelistas que registraram a organização dos Doze colocam Simão Pedro em primeiro lugar e Judas Iscariote em último lugar na categoria de apóstolos; concordam também sobre a posição relativa de apenas alguns deles. Seguindo-se a ordem proposta por Marcos, e esta poderia ser a mais conveniente, visto que menciona os três primeiros que mais adiante se tornam os mais proeminentes, temos a seguinte lista: — Simão Pedro, Tiago (filho de Zebedeu), João (irmão do anterior), André (irmão de Simão Pedro), Felipe, Bartolomeu (ou Natanael), Mateus, Tomás, Tiago (filho de Alfeu), Judas (também conhecido como Lebeu ou Tadeu), Simão (distinguido pelo sobrenome de Zelote, também conhecido como o Cananita) e Judas Iscariote.

OS DOZE CONSIDERADOS INDIVIDUALMENTE

Simão, nomeado como o primeiro apóstolo, é mais comumente conhecido como Pedro — cognome que lhe deu o Senhor na ocasião em que se conheceram, e poste-

riormente confirmado.^d Ele era filho de Jona, ou Jonas, e era um pescador por vocação. Ele e seu irmão André eram sócios de Tiago e João, filhos de Zebedeu; e aparentemente o negócio da pesca prosperava, pois eram donos de seus próprios barcos e empregavam outros homens.^e O lar anterior de Pedro fora a pequena aldeia de Betsaida,^f nas praias ocidentais do Mar da Galiléia; porém, mais ou menos ao tempo de sua primeira associação com Jesus, ou pouco depois, ele, juntamente com outros de sua família mudaram-se para Cafarnaum, onde parece ter estabelecido um lar independente.^g Simão Pedro era um homem casado antes de ser chamado ao ministério. Encontrava-se em boa situação econômica; e quando certa vez mencionou que havia deixado tudo para seguir a Jesus, o Senhor não negou que o sacrifício de Pedro com relação às posses temporais fôsse tão grande como antes indicado. Não há justificativas para que o julgemos iletrado ou ignorante. É certo que tanto ele como João foram considerados pelo conselho de governantes como "homens iletrados e ignorantes",^h mas isto referia-se a não terem sido educados nas escolas dos rabinos; e é digno de nota que, os membros desse mesmo conselho ficaram maravilhados ante a sabedoria e o poder manifestado pelos dois apóstolos, a quem professavam desprezar.

Pedro possuía um temperamento impulsivo e enérgico, e até que aprendesse por rigorosa experiência, carecia de firmeza. Possuía muitas das fraquezas humanas, no entanto, apesar disso, sobrepujou-as tôdas e finalmente venceu as tentações de Satanás e as debilidades da carne, servindo a seu Senhor como o líder designado e reconhecido dos Doze. As escrituras não falam sobre a época ou lugar de sua morte; mas a maneira pela qual o Senhor ressuscitado prefigurou-se,¹ foi em parte prevista pelo próprio Pedro.² A tradição, originária de escritos dos primitivos historiadores cristãos, não os dos apóstolos, declara que Pedro morreu crucificado como um mártir, durante a perseguição conseqüente ao reinado de Nero, provavelmente entre os anos de 64 a 68 A.D. Orígenes afirma que o apóstolo foi crucificado de cabeça para baixo. Pedro, com Tiago e João, seus assistentes na presidência dos Doze, na qualidade de seres ressuscitados exer-

a. Mat. 10:1-4; Mar. 3:13-19; Luc. 6:12-16. b. Luc. 6:12.
c. Lucas 3:13; compare com João 15:16; veja também Atos 1:22.
d. João 1:42; compare com Mateus 16:18.

e. Marcos 1:16-20; Lucas 5:10. f. João 1:44; 12:21.
g. Mat. 8:14; Marcos 1:29; Lucas 4:38.
h. Atos 4:13. i. João 21:18,19. j. 2 Pedro 1:14.

ceram seu ministério na presente dispensação, restaurando na terra o Sacerdócio de Melquizedeque, inclusive o Santo apostolado, que havia sido retirado devido à apostasia e descrença dos homens.¹

Tiago e João, irmãos de nascimento, sócios no negócio da pesca, irmãos no ministério, colaboraram junto com Pedro no chamado apostólico. O Senhor conferiu a êstes dois um título em comum — Boanerges ou filhos do Trovão — possivelmente com referência ao zêlo com que êles desenvolveram suas tarefas: na realidade, teve que ser por vêzes restringido como quando quiseram fazer que dos céus descesse fogo para destruir os samaritanos que não queriam hospedar ao Mestre.² Êles e sua mãe aspiravam as mais altas honras do reino, e pediram que lhes fôsse concedido dois lugares, um à direita e o outro à esquerda de Cristo em Sua glória. Esta ambição foi reprovada de maneira gentil pelo Senhor, e a solicitude foi a causa de ofensa aos outros apóstolos. Juntamente com Pedro êstes dois irmãos foram testemunhas dos mais importantes incidentes na vida de Jesus; assim, os três foram os únicos apóstolos admitidos a presenciar a restauração da filha de Jairo à vida.³ Foram os únicos membros dos Doze presentes à transfiguração de Cristo;⁴ foram os que estavam mais próximos ao Senhor durante o período de sua agonia mortal no Getsemani; e, como foi dito previamente, exerceram seu ministério nestes dias modernos na restauração do Santo Apostolado com tóda a sua antiga autoridade e poder de abençoar.⁵ Comumente se designa Pedro na literatura teológica como Tiago I, para distingui-lo do outro apóstolo que levava o mesmo nome. Tiago, o filho de Zebedeu, foi o primeiro dos apóstolos a ser martirizado, pois foi degolado por ordem do rei Herodes Agripa.⁶

João tinha sido um discípulo de Batista, e havia demonstrado sua confiança no testemunho que êste último deu de Jesus, afastando-se logo do precursor e seguindo ao Senhor.⁷ Tornou-se um servo devoto, e refere-se repetidas vêzes a si próprio como o discípulo “ao qual Jesus amava”.⁸ Na última ceia João sentou-se ao lado de Jesus recostando sua cabeça próximo ao peito do Mestre;⁹ e no dia seguinte quando se encontrava ao pé da cruz recebeu êle do Cristo agonizante a especial designação de cuidar da mãe do Senhor;¹⁰ o qual cumpriu diligentemente ao conduzir Maria em prantos à sua própria casa. Foi o primeiro a reconhecer o Senhor ressuscitado nas praias da Galiléia, e recebeu de seus lábios imortais o alento para suas esperanças de que sua vida continuaria no corpo, a fim de que pudesse ministrar entre êles até que o Cristo viesse em Sua glória.¹¹ A realização desta esperança foi atestada por meio de revelação nos dias modernos.¹²

André, filho de Jonas e irmão de Simão Pedro, é mencionado menos vêzes do que os três já considerados. Havia sido um dos seguidores de Batista, e com João, o filho de Zebedeu, deixou aquêle para aprender com Jesus; e tendo sido ensinado saiu à procura de Pedro, afirmou-lhe solenemente que havia encontrado o Messias, e trouxe seu irmão aos pés do Salvador.¹³ Partilhou com Pedro a

honra de ser chamado pelo Senhor na praia do mar, quando foi-lhes prometido, “Eu vos farei pescadores de homens”.¹⁴ Certa ocasião lemos que André se achava presente com Pedro, Tiago e João, numa entrevista particular com o Senhor;¹⁵ faz-se menção dêle com relação ao milagre de alimentar cinco mil pessoas,¹⁶ e com Felipe marcou a entrevista entre certos gregos e Jesus.¹⁷ E entre outros aparece o seu nome com respeito à ascensão de nosso Senhor.¹⁸ Ricas de tradição são as histórias acêrca dêste homem, mas não se possui um registro autêntico quanto à extensão de seu ministério, a duração de sua vida e as circunstâncias de sua morte.

Felipe pode ter sido o primeiro a receber o chamado revestido de autoridade “Segue-me” dos lábios de Jesus, e logo após o encontramos testificando que Jesus era o tão esperado Messias. Seu lar era em Betsaida, a cidade de Pedro, André, Tiago e João. Diz-se que Jesus o encontrou,¹⁹ enquanto que os outros no que se refere à afiliação primitiva, pareciam ter ido por si mesmos individualmente a Cristo. Encontramos uma breve referência dêle na ocasião da alimentação dos cinco mil, quando Jesus perguntou-lhe: “Aonde compraremos pão, para que possamos alimentar a êstes?” Disse-o para somente provar a Seu discípulo, pois que Jesus já antevia o que seria feito. A resposta de Felipe foi baseada na declaração da pequena quantia disponível que possuíam, e não demonstrou nenhuma esperança de intervenção milagrosa.²⁰ Foi a êle que os gregos apelaram quando buscavam uma reunião com Jesus, como foi referido a André. Foi gentilmente reprovado por sua falta de entendimento quando pediu a Jesus que mostrasse o Pai a êle e aos outros. — “Permaneci tanto tempo convosco e ainda não me conheceis, Felipe?”²¹ A parte desta referência casual de sua presença como um dos Onze depois da Ascensão, as escrituras não nos dizem nada mais a seu respeito.

Bartolomeu é mencionado na escritura com êste nome apenas quando se refere à sua ordenação ao apostolado, e como um dos Onze após a ascensão. O nome significa filho de Tolmai. Entretanto é quasi que certo que seja o homem chamado Natanael no Evangelho de João — o qual Cristo designou como “um israelita de fato, no qual não havia engano”.²² Foi também mencionado constando entre os que estavam pescando com Pedro depois da ressurreição de Cristo.²³ Seu lar ficava em Caná da Galiléia. As razões pelas quais se supõe que Bartolomeu e Natanael são a mesma pessoa são as seguintes: Bartolomeu é mencionado como apóstolo em cada um dos três Evangelhos sinóticos, porém Natanael não o é. Natanael é mencionado duas vêzes no Evangelho de João, e Bartolomeu nenhuma; Bartolomeu e Felipe, ou Natanael e Felipe, são mencionados juntos.

Mateus, ou Levi, filho de Alfeu, foi um dos sete que recebeu um chamado para seguir a Cristo antes da ordenação dos Doze. Foi êle quem ofereceu uma festa à qual compareceram Jesus e Seus discípulos, sendo severamente criticado pelos fariseus,²⁴ acusando de não ser decoroso que êle comesse com publicanos e pecadores. Mateus era

1. D&C 27:12. Veja o capítulo 41 dêste livro.

m. Marcos 3:17. n. Lucas 9:54; Marcos 9:38.

o. Marcos 10:35-41; compare com Mateus 20:20-24.

p. Marcos 5:37; Luc. 8:51. q. Mat. 17:1-2; Luc. 9:28-29.

r. Mat. 26:36-37. s. D&C 27:12.

t. Atos 12:1-2. u. João 1:35-40; veja capítulo 11.

v. João 13:23; 19:26; 20:2. x. João 13:23, 25.

z. João 19:25-27. a. João 21:7, 21-23.

b. D&C 7; compare com 3 Nefi 28:1-12.

c. João 1:35-40. d. Mat. 4:18-19. e. Marcos 13:3.

f. João 6:8. g. João 12:20-22. h. Atos 1:13.

i. João 1:43-45. j. 6:5-7. l. João 14:8,9.

m. João 1:45-51; veja também o capítulo 11.

n. João 21:2,3. o. Leia o capítulo 14.

um publicano; êle mesmo se designa assim no Evangelho que escreveu;^p mas os outros evangelistas omitem esta menção quando o incluem com os Doze. Muitos interpretam seu nome hebreu; Levi, como indicação de linhagem sacerdotal. Não possuímos registro detalhado de seu ministério, e mesmo que seja o autor do primeiro Evangelho, abstém-se de qualquer referência especial a si mesmo exceto quanto a seu chamado e ordenação. Segundo outros escritores não bíblicos, foi um dos mais ativos apóstolos após a morte de Cristo, havendo operado em terras longínquas da Palestina.

Tomé, também conhecido por Didimo, nome grego equivalente a seu nome hebreu, significando "gêmeo", é mencionado como sendo uma das testemunhas da ressurreição de Lázaro. Sua devoção a Jesus demonstra-se pelo desejo de acompanhar o Senhor a Betânia, embora a perseguição nessa região fôsse quasi certa. Aos seus companheiros apóstolos disse Tomé: "Vamos nós também, para que morramos com Êle".^q Embora já estivessem às vésperas da hora da crucifixão, Tomé ainda não havia compreendido a necessidade imperiosa do sacrifício do Senhor; e quando Jesus expressou que era necessário deixá-los seguir depois, Tomé perguntou como iriam saber o caminho. Por sua falta de compreensão, foi reprovado.^r Êle estava ausente quando o Cristo ressuscitado apareceu aos discípulos reunidos no entardecer do dia de Sua ressurreição; e ao ser informado pelos outros que haviam visto ao Senhor, expressou veementemente sua dúvida, e declarou que não o acreditaria a menos que visse e sentisse por si mesmo os ferimentos no corpo crucificado. Oito dias depois o Senhor visitou os apóstolos novamente, quando, tal como na vez anterior, estavam êles em recinto fechado; e a Tomé disse o Senhor: "Põe aqui o teu dedo, e verifica minhas mãos; e chega tua mão e coloca-a no meu lado". Então, não mais duvidando, Tomé transbordante de amor e reverência em sua alma, exclamou: "Meu Senhor e meu Deus." O Senhor lhe disse: "Tomé, por me haveres visto, creste: bem-aventurados os que não viram e ainda assim creram". Não há mais referência a Tomé no Nôvo Testamento senão o de que esteve presente com seus companheiros depois da ascensão.

Tiago, filho de Alfeu, é mencionado nos Evangelhos somente quando por ocasião de sua ordenação ao apostolado; e uma vez, além desta no Nôvo Testamento com o nome de "filho de Alfeu".^t Nos escritos não bíblicos êle é às vêzes mencionado Tiago II para evitar confusões com Tiago, filho de Zebedeu. Há uma incerteza reconhecida quanto à identidade de Tiago, filho de Alfeu, como o Tiago ou um dos Tiagos que se refere em Atos e nas Epís-

p. Mat. 10:3. q. João 11:16. r. João 14:1-7.

s. João 20:24-29. Veja o capítulo 37 dêste livro.

t. Atos 1:13. Nota 3, no fim do capítulo.

u. Atos 12:17; 15:13-21; 21:18; I Coríntios 15:7; Gálatas 1:19; 2:9,12; e a epístola de Tiago.

v. Quanto a Tiago, mencionado no Nôvo Testamento, as opiniões dos eruditos bíblicos estão divididas, havendo dúvida se se trata de dois ou três indivíduos. Os que afirmam que havia três homens com êste nome, distinguem-no desta forma: 1. Tiago, o filho de Zebedeu e irmão de João, o apóstolo; tôdas as referências feitas a êle nas escrituras são explícitas; 2. Tiago, filho de Alfeu; e 3. Tiago, irmão do Senhor (Mat. 13:55; Marcos 6:3; Gálatas 1:19) Se aceitarmos esta classificação, a nota de rodapé u, desta página, refere-se a Tiago, irmão do Senhor. Tanto as notas explicativas da Bíblia de Oxford como de Bagster consideram Tiago, o filho de Alfeu, e Tiago, o irmão do Senhor, uma só pessoa e

tolas;^u e há uma abundante literatura controversa a respeito dêste assunto.^v

Judas é chamado Lebeu Tadeu por Mateus, Tadeu por Marcos, e Judas, o irmão de Tiago, por Lucas. Há apenas uma outra referência específica a êste apóstolo. Encontra em João e se relaciona com a última e longa entrevista entre Jesus e os apóstolos, quando êste Judas, "não Iscariote", perguntou a Jesus como ou porque iria se manifestar a Seus servos escolhidos e não ao mundo inteiro. Sua pergunta indica que nessa época não estava ainda bem compreendida a natureza do apostolado.

Simão, o Zelador, assim designado em Atos,^z e Simão, chamado Zelador segundo o Evangelho de Lucas, é apelidado de Cananita por Mateus e Marcos. A última designação não se refere à cidade de Caná, nem à terra de Canaã, nem tampouco encerra qualquer significado geográfico; é o equivalente siro-caldeu do vocábulo grego que foi traduzido por "Zelador". De maneira que ambos os nomes têm o mesmo significado fundamental, e tanto um como outro se refere aos Zeladores, uma seita ou facção judáica, conhecida pelo zelo em preservar o ritual Mosaico. Sem dúvida alguma Simão aprendeu a ser moderado e tolerante com os ensinamentos de Cristo; de outra maneira não teria sido preparado para o ministério apostólico. Sua sinceridade zelosa, devidamente orientada, pôde desenvolver-se no mais útil traço de caráter. Em nenhuma parte das Escrituras se menciona êste apóstolo sem seus companheiros.

Judas Iscariote é o único judeu (natural da Judéia) mencionado entre os Doze; todos os outros eram galileus. Geralmente se entende que era morador em Queriot, pequena cidade ao sul da Judéia, há poucas milhas a oeste do Mar Morto, porém a respeito desta tradição, assim como do significado de seu sobrenome, falta-nos provas autorizadas. De igual modo nada sabemos sobre sua linhagem, exceto que o nome de seu pai era Simão.^a Serviu como tesoureiro ou agente da companhia apostólica, recebendo e desembolsando as ofertas feitas pelos discípulos e amigos, e comprando o que era necessário.^b João dá testemunho que êle não desempenhou sob os princípios de honestidade que se requeria em tal cargo de confiança. Sua natureza avarenta e queixosa revelou-se quando não aprovou o que para êle foi um desperdício do perfume de nardo com que Maria ungiu ao Senhor alguns dias antes da crucifixão; com hipocrisia, sugeriu que o precioso unguento poderia ter sido vendido e o dinheiro revertido aos pobres.^c O ato culminante de perfídia na carreira de Judas Iscariotes foi a traição intencional de seu Mestre, que o infame o fêz por certo preço, e consumiu

interpretam a expressão "filho de" apenas em seu sentido geral. (Veja a nota 3, no fim do capítulo.) Bagster designa "Tiago II, apóstolo, filho de Alfeu, irmão ou primo de Jesus". (Veja nota e, no fim do capítulo.) A publicação de Nave, "Student's Bible", afirma (p. 1.327) que a dúvida de que Tiago, irmão do Senhor, "seja a mesma pessoa que Tiago, filho de Alfeu é uma das mais difíceis da história biográfica dos evangelhos". Fausset, na sua "Cyclopedia Critical and Expository", apóia o argumento de que se trata apenas de um Tiago; e outras autoridades reconhecidas consideram os dois a mesma pessoa. Para um estudo pormenorizado do assunto o leitor deverá consultar bibliografia especializada.

x. Nota 1, no fim do capítulo.

z. Atos 1:13; compare com Lucas 6:15.

a. João 6:71; 12:4; 13:26.

b. João 12:6; 13:29.

c. João 12:1-7; compare com Mat. 26:6-13; Marc. 14:3-9.

sua maldade por meio de um beijo. Pôs termo a sua vida cuspida através de um repugnante suicídio e seu espírito foi lançado ao estado terrível que é reservado aos filhos da perdição.^d

CARACTERÍSTICAS GERAIS DOS DOZE

Examinando as características e qualificações gerais deste corpo de Doze homens, constatam-se alguns fatos interessantes. Antes de sua escolha como apóstolos, tinham todos eles sido discípulos íntimos do Senhor; acreditavam n'Ele. Diversos deles, possivelmente todos, tinham confessados publicamente que Ele era o filho de Deus; e mesmo assim é duvidoso que alguns deles estivessem completamente cientes do verdadeiro significado da obra do Salvador. Em vista das afirmações que muitos deles fizeram posteriormente, e pelas instruções e repreensões do Mestre ainda havia no coração da maioria dos judeus a esperança de um Messias que reinaria em esplendor como um soberano terreno, depois de ter subjugado a todas outras nações.

Depois de longa experiência, a preocupação de Pedro: "Eis que nós deixamos tudo, e te seguimos; que receberemos?" Eram apenas crianças que precisavam ser treinadas e ensinadas; mas eram alunos dóceis, na maioria, almas sensíveis, e imbuídos de uma sincera vontade de prestar serviços. Para Jesus eram somente Seus pequeninos, Seus filhinhos, Seus servos e Seus amigos, conforme o mereciam.^e Eram apenas gente comum, não rabinos, eruditos, nem oficiais religiosos. Sua natureza interior e não suas atitudes foram consideradas pelo Senhor em primeiro plano. O Mestre escolheu-os; não foram eles que se escolheram a si próprios; foram ordenados por Ele,^f e como consequência confiavam mais implicitamente em sua orientação e apóio. Muito lhes foi dado e muito lhes foi exigido. Com uma só negra exceção todos eles se tornaram luzes brilhantes no reino de Deus, e justificaram a escolha do Mestre. Reconheceu em cada um deles as características que haviam se desenvolvido no mundo primitivo dos espíritos.^h

DISCÍPULOS E APÓSTOLOS

De modo geral, qualquer pessoa que se dedica a um princípio para o seguir pode ser chamada um discípulo.

N O T A S

1. Judas Lebeu Tadeu. — Este Judas (não Iscariote) é mencionado na tradução de Lucas 6:16 e Atos 1:13, como "o irmão de Tiago". As palavras "o irmão" são acrescentadas ao texto original como está indicado em itálico. A versão corrigida destas passagens diz em ambos os casos "o filho de Tiago", em itálico e o significado correspondente.

O original diz "Judas de Tiago". Nada se diz a qual Tiago se refere, ou se o Judas aqui mencionado era o filho, o irmão, ou algum outro parente do Tiago desconhecido.

2. O significado de "Apóstolo" — "O título de Apóstolo" tem igualmente um significado especial de santidade; vem de Deus, e pertence apenas àquelles que foram chamados e ordenados como "Testemunha do nome de Cristo em todo o mundo, portanto se distingue dos outros oficiais da Igreja

d. Mat. 27:5; compare com Atos 1:18; veja também João 17:12; D&C 76:31-48; 132:27. e. Mat. 19:27.

f. Mat. 10:42; João 21:5; 13:16, compare os versículos 13; 15:14,15. g. João 15:16.

O santo apostolado é um ofício e chamado que pertence ao Sacerdócio Maior ou de Melquizedeque; é ao mesmo tempo exaltado e determinado e exerce a função especial de dar testemunho pessoal e especial da divindade de Jesus Cristo como o único Redentor e Salvador da humanidade.¹ O apostolado é uma outorgação individual, e como tal é conferida somente através de ordenação. O ministério que desempenharam, depois da ressurreição e ascensão do Senhor, indica que os Doze constituíam um Conselho ou "quorum" tendo autoridade estabelecida na Igreja de Jesus Cristo. O primeiro ato oficial foi o de preencher a vaga ocasionada em sua organização por Judas Iscariote; e com respeito a esta maneira de proceder, o apóstolo principal, Pedro, expôs as qualificações essenciais daquele que deveria ser escolhido e ordenado, entre as quais estava compreendido o conhecimento necessário de Jesus Cristo, Sua vida, morte e ressurreição, que habilitaria ao novo apóstolo a ser com os Onze, na qualidade de testemunhas especiais do trabalho do Senhor.^j

A ordenação dos Doze Apóstolos marcou a inauguração de uma época adiantada no ministério terreno de Jesus, época caracterizada pela organização de um corpo de homens investido com a autoridade do Santo Sacerdócio, sobre quem repousaria, mais necessariamente após a partida do Senhor, o dever e a responsabilidade de continuar o trabalho que Ele começara, e de construir a Igreja que estabeleceria.

A palavra "apóstolo" é uma forma aportuguesada do grego apóstolos, significando literalmente "um que é enviado", sugerindo um enviado ou mensageiro oficial que fala e age pela autoridade de um que lhe é superior. Neste sentido Paulo aplicou posteriormente o título a Cristo como um que havia sido enviado especialmente e comissionado pelo Pai.

O propósito do Senhor ao escolher e ordenar os Doze nos é anunciado por Marcos: "nomeou doze para que estivessem com Ele e os mandasse a pregar. E para que tivessem o poder de curar as enfermidades e expulsar os demônios".^j Depois de sua ordenação os apóstolos permaneceram com Jesus por uma temporada, e Ele os preparou e instruiu de forma especial para a obra que teriam dali por diante; mais tarde foram especialmente comissionados e enviados para pregar e exercer seu ministério com a autoridade do Sacerdócio, como será considerado mais adiante.

com respeito aos deveres de seu chamado." (Dout. e Conv. 107-23). Por derivação a palavra "apóstolo" é equivalente ao grego *apostolos*, indicando um mensageiro, um embaixador, ou literalmente "um que é enviado". Significa que aquele que fôr chamado de maneira apropriada, fala e age não por ele mesmo, senão como representante de um poder mais alto do qual recebeu seu comissionamento; e neste sentido o título é o de um servo, mais do que de um superior. Entretanto, até mesmo o Cristo, é chamado apóstolo no que se refere a Seu ministério na carne (Hebreus 3:1), e este título se justifica por meio de Sua declaração repetida de que viera à terra não para fazer a sua vontade, mas a do Pai que O enviara.

"Ainda que um apóstolo seja essencialmente um enviado

h. Veja os capítulos 2 e 3 deste livro.

i. D&C 18:27-33; 20:38-44; 107:1-9,23,24,3. j. Atos 1:15-26. 1. Hebreus 3:1; Veja também a nota 2, no fim do capítulo. m. Marcos 3:14,15.

ou embaixador, sua autoridade é grande, como o é também a responsabilidade conseqüente, pois que fala em nome de um poder maior do que o seu próprio — no nome d'Aquêlê cuja testemunha especial êle é. Quando um dos Doze é enviado para exercer seu ministério em qualquer estaca, missão ou outra divisão da Igreja, êle age como representante da Primeira Presidência, e tem o direito de usar a autoridade e fazer o que fôr necessário para o adiantamento da obra de Deus. Seu dever é pregar o Evangelho, administrar as suas ordenanças e pôr em ordem os assuntos da Igreja, onde quer que seja enviado. Tão grande é a santidade dêste chamado, que o título de "Apóstolo" não deve ser usado levemente como trato comum ao referir-se aos homens que são chamados para ocupar êste cargo. O quôrum ou conselho dos Doze Apóstolos como existe hoje em dia na Igreja talvez fôsse melhor expresso como o "Quorum dos Doze" ou "Conselho dos Doze", ou apenas "Doze", do que "os Doze Apóstolos", exceto quando em determinadas ocasiões que justifiquem o uso do têrmo mais sagrado.

É aconselhável que o título de apóstolo não seja aplicado como um prefixo ao nome de qualquer membro do Conselho dos Doze; mas que seja-lhe dirigido ou se lhe fale como "Irmão———", ou "Elder———", e quando necessário ou desejável, anunciar sua presença em alguma assembléia pública, condicione-se uma frase explicativa, como "Elder———, membro do Conselho dos Doze". — Do artigo "Honra e Dignidade do Sacerdôcio", pelo autor, (Improvement Era, Vol. 17, N.º 5, páginas 409, 410).

3. "De Alfeu ou filho de Alfeu". — Em tôdas as passagens bíblicas que especificam "Tiago filho de Alfeu" (Mat. 10:3; Marcos 3:18; Lucas 6:15; Atos 1:13) a palavra "filho" foi mantida pelos tradutores e, portanto, aparece em itálico. A frase no grego diz "Tiago de Alfeu". Não se deve dar indevido valor ao sustentar a idéia de que o Tiago mencionado não era o filho de Alfeu; porque a palavra "filho" foi de modo semelhante acrescentada na tradução de outras passagens, empregando-se itálico para indicar a palavra acrescentada, por exemplo "Tiago o filho de Zebedeu".

Maior integração entre as missões do Brasil

Estêve recentemente em São Paulo, participando de uma conferência com todos os presidentes das missões da América do Sul o Elder Boyd Packer, Assistente do Conselho dos Doze, representando a Primeira Presidência da Igreja.

Entre diversas outras coisas, disse Elder Packer que é desejo da Primeira Presidência da Igreja que tôdas as alas e ramos do mundo tenham o mesmo programa de instruções. Isto não era possível anteriormente, pois as missões, em geral, não recebiam os manuais com tempo suficiente para tradução, impressão e expedição, antes do início de suas atividades anuais. Reconheceu também o esforço que pretendem empreender as Juntas Gerais da Igreja para preparar todos os livros que serão utilizados nos próximos anos com um ano de antecedência, de forma que possam ser usados em todos os países junto com os Estados Unidos.

Como muitas das organizações não terão tempo suficiente de traduzir seus manuais de 65 antes do início do ano, os presidentes das duas missões brasileiras decidiram fazer da revista A LIAHONA o veículo de divulgação para tôdas as organizações.

E, com a finalidade de preparar e planejar os programas para o próximo ano, estiveram reunidos na Casa da Missão em São Paulo, nos dias 7 e 8 de novembro, todos os líderes das juntas de ambas as missões, sob a orientação dos Presidentes C. Elmo Turner e sra. e Wayne M. Beck e sra.

Nestes dois dias de conferência puderam ser discutidos e solucionados vários pro-



blemas das diversas organizações, prometendo para o futuro maior integração entre as duas missões do Brasil.

Assim, de janeiro em diante serão publicadas lições para o Sacerdôcio de Melquizedeque e, provavelmente, em fevereiro ou março será iniciado o programa de publicação de duas páginas para cada organização. Nestas duas páginas os membros poderão encontrar artigos de interesse ou mesmo algumas instruções gerais sobre procedimento de reuniões. Haverá uma seção para as crianças e uma para as mães.

Na foto acima vemos a família do Presidente C. Elmo Turner. Da esquerda para a direita: (na frente) Jean e Lisa; (centro) Sister Turner, Jill e Presidente Turner; (atrás) Robin e Randy (gêmeos).

Sacerdício nas Missões



*Escolha agora seu campo
de estudo e dê o máximo
para atingir seus objetivos*



Conselho aos jovens



A. RAY OLPIN

Através de toda a história o homem tem buscado expandir o grau de conhecimento e retroceder aos limites do desconhecido. O desejo insaciável de saber o que há além do horizonte o tem conduzido a explorar os quatro cantos do globo, a pesquisar profundidade sob a superfície do mar, a perfurar a crosta da terra, a observar atentamente os céus, selecionar e classificar todas as espécies viventes e inanimadas, a estudar os maravilhosos trabalhos da mente e do corpo humano.

O estudo da sólida acumulação de conhecimentos através da marcha dos séculos é um conto de aventuras triunfante e de fracassos ocasionais. É uma estória que muitos de vocês já conhecem bem, e sabem também que o conhecimento que rodeia o homem e seu auto-conhecimento está aumentando em rápida e acelerada velocidade. Há muito que já se passou o dia em que um grande intelecto como Aristóteles ou um verdadeiro gênio como Leonardo da Vinci puderam compreender quase, senão tudo o que era conhecido pelo homem.

Hoje, após uma existência de trabalho e estudos, é possível para um só indivíduo englobar em seu intelecto apenas uma parte limitada do universo conhecido.

Durante os cento e trinta anos passados as aplicações do conhecimento acumulado do homem transformou literalmente o mundo e tem, ao elevar milhões de pessoas, reduzido a servidão, prolongado a vida, melhorado a saúde, e expandindo amplamente as possibilidades de gozo das maravilhas naturais do mundo e a rica herança cultural da raça humana.

Agora, como nunca, é importante que um jovem decida, enquanto permanece em sua adolescência, qual a área de conhecimento que ele conquistará, e assim se prepare para fazer uma contribuição valiosa numa sociedade onde os músculos foram, de há muito, substituídos por habilidades específicas, técnicas e por um poder cerebral altamente desenvolvido. É certo, sem dúvida, que muito desta capacidade especializada é resultado de experiências e desenvolvimento "em atividade"; mas se você espera conseguir uma atividade de repercussão no complexo mundo de hoje em dia, deverá preparar-se através do estudo e praticar durante os seus anos escolares.

No momento, todos vocês completaram a fase elementar, aprenderam, espero, os instrumentos básicos do aprendizado e comunicação: ler, escrever, falar e os cálculos elementares de matemática. Muitos já se iniciaram em estudos de ciência. Já travaram conhecimento, por meio do estudo de história, com muitos dos grandes homens e mulheres que contribuíram para o progresso humano. Alguns de vocês já aprenderam, ou estão aprendendo uma segunda língua. Alguns se tornaram peritos na apreciação de música e outras belas artes. Muitos já adquiriram um alto grau de habilidade técnica em comércios especializados. Já experimentaram a satisfação e perceberam os benefícios da participação vigorosa nos esportes. Vocês estão no limiar da maturidade; estão descobrindo que as jovens são encantadoras e alguns estão se enamorando.

Através de sua atividade na Igreja vocês aprenderam o importante significado que a religião dá à vida, e lhes foram ensinados os princípios do evangelho que enriquecerão suas vidas e lhes dará força ao enfrentarem dificuldades e dissabores tanto quanto sucesso e fama.

Se me permitem dar um conselho a cada um de vocês, êle é: Aproveitem cada oportunidade de ampliar seu cabedal de conhecimentos. Decida qual será sua meta vocacional e trabalhe vigorosamente para atingí-la. Quanto melhor fôr sua educação, maiores serão suas oportunidades iniciais em sua profissão.

Há emoção e satisfação no aprender, tanto em campos especializados quanto em outras esferas do conhecimento. Quer se torne um homem de negócios ou um engenheiro, um vaqueiro ou um dentista, um encanador ou um arquiteto, você poderá encontrar dramaturgos, novelistas, filósofos, cientistas e historiadores.

Finalmente, devido ao fato de me associar aos empreendimentos educacionais durante a maior parte de minha vida, advirto-os de que considerem seriamente o ensino como uma carreira. Em nenhuma outra ocupação há maior oportunidade do que estar constantemente envolvido nas emoções do aprendizado. Em nenhuma outra ocupação há maior oportunidade de servir ao próximo. Em nenhuma outra ocupação há maior necessidade de que as pessoas usem talento e imaginação. Em grande escala, a força de nosso país e o destino da liberdade do mundo inteiro determinará a qualidade de nossa educação.

NOTA BIOGRÁFICA

A. Ray Olpin é presidente da Universidade de Utah desde janeiro de 1946. Doutorou-se em física e matemática pela Universidade de Columbia. Já ensinou e dirigiu pesquisa nas universidades de Columbia, Grigham Young e Ohio State; no Instituto Politécnico Brooklyn e nos Laboratórios da Bell Telephone. Foi missionário no Japão e, por isso, tem sido chamado para desempenhar várias missões no Departamento de Estado dos Estados Unidos. Atualmente cumpre uma designação de três meses para a Fundação Ford no Japão.



Restauração do Sacerdócio Aarônico

Enquanto Joseph Smith e Oliver Cowdery estavam traduzindo o Livro de Mórmon das antigas placas de metal, encontraram uma passagem sobre o batismo para a remissão dos pecados.

Depois de haverem discutido algum tempo sobre o assunto, decidiram pedir informação adicional a respeito desta ordenança.

Procurando uma resposta para sua dúvida, dirigiram-se a um bosque perto das margens do Rio Susquehanna, em Harmony, Pennsylvania, e pediram a orientação do Senhor através de oração.

Não havia muito tempo que estavam ajoelhados orando, quando apareceu um personagem que se dirigiu a eles como "conservos".

Esse mensageiro divino anunciou-se como João, o Batista, que havia batizado Jesus nas águas do Rio Jordão. Impondo as mãos sobre a cabeça de Joseph e Oliver, João declarou:

"A vós, meus conservos, em nome do Messias eu confiro o Sacerdócio de Aarão, que possuía as chaves da administração dos anjos, do evangelho do arrependimento, e do batismo por imersão para remissão dos pecados; e isto nunca mais será tirado da terra até que os filhos de Levi ofereçam outra vez, em retidão, um sacrifício ao Senhor." (Doutrina e Convênios 13)

Depois desta ordenação, disse-lhes que batizassem um ao outro. "Concordando, fomos e nos batizamos. Eu o batizei primeiro, e depois êle me batizou, após o que impus minha mão sobre sua cabeça e ordenei-o ao Sacerdócio Aarônico, e, em seguida, êle impôs suas mãos sobre minha cabeça e ordenou-me ao mesmo Sacerdócio — pois assim fomos ordenados." (Documentary History of the Shurch, volume 1, p. 39)

Este acontecimento importante e significativo da história da Igreja ocorreu no dia 15 de maio de 1829. Esta é uma data que todos os membros do Sacerdócio Aarônico devem lembrar sempre.

Cada possuidor do Sacerdócio Aarônico não pode, de forma alguma, se esquecer de que é um representante e embaixador de Deus. Esta condição atribui-lhe grande responsabilidade e exige que suas mãos sejam limpas e seu coração puro, para que possa realmente dignificar esta sagrada confiança.

A educação da criança - O ponto de vista Mórmon



Os pais SUD sentem que é um privilégio, uma oportunidade e uma responsabilidade guiar e dirigir as vidas de seus filhos. Essa atitude enraiza-se na crença da santidade do lar. Joseph F. Smith, o sexto presidente da Igreja expressa isso belamente: "Não há substituto para o lar. Sua origem é tão velha quanto o mundo. Sua missão foi ordenada por Deus desde os mais remotos tempos." (Joseph F. Smith, Doutrina do Evangelho, edição de 1949, p. 300.)

Em resumo, a filosofia Mórmon concernente às relações de pais e filhos, é a seguinte:

1. Todos nós, pais e filhos, parecidos fisicamente, vivemos como inteligências individuais e como Filhos Espirituais de Deus antes de irmos para este mundo.

2. No conselho celeste, nós todos concordamos em vir para a terra por um período de aprendizado; durante este período de tempo, o véu foi colocado entre nossa vida terrestre e nossa preexistência terrestre.

3. Deus, no Seu amor por nós, Seus filhos, enviou Seu Filho Jesus Cristo para nos ensinar como deveríamos viver; Ele também revela Suas verdades a Seus profetas entre Seus filhos, a fim de que tenham contínua orientação.

4. Os pais que constituem família estão cumprindo as determinações de Deus e estão provendo a unidade social na qual os seus filhos espirituais podem crescer e se desenvolver em retidão.

5. Se os pais que constituem esses grupos familiares são casados em templos de Deus e selados uns aos

outros para toda a eternidade, as crianças nascidas sob esse convênio serão deles para sempre e a união familiar persistirá através das eras.

Cada um que revê estas crenças, constata o grande senso de responsabilidade que concerne aos pais. Isto significa que eles, como conjuges que têm filhos, estão seguindo os propósitos de Deus. Esta é a razão por que nós, como uma Igreja, cremos em constituir grandes famílias, especialmente quando fôr possível ter muitos filhos educados adequadamente.

Visto que os pais são, na realidade, guardiões terrenos do espírito das crianças de Deus, sentem sua responsabilidade em serem sérios; procuram manter seus filhos estreitamente ligados à Igreja e, assim, os ensinam como viver retamente e de acordo com os princípios ensinados por Jesus Cristo e revelados por Deus a Seus servos, os profetas.

Se são introduzidos e mantidos os convênios apropriados, há afinidade total e um ajustamento eterno. Pais e filhos sabem que se têm de viver juntos como uma família unida através da eternidade, eles todos devem viver de acordo com os princípios do evangelho.

Para ganhar as grandes bênçãos que Deus prometeu aos fiéis, como devemos agir neste grupo familiar? Em primeiro lugar, como todos os membros da família são reconhecidos como filhos de Deus, as relações entre espôso e espôsa e pais e filhos são dignificantes: respeito é concedido a todo membro, individualmente; filhos respeitam os pais e por outro lado os pais respeitam seus filhos.

Assim, vivendo num clima de respeito mútuo e amor de um para outro, motivado pela promessa de que a família unida perdurará eternamente, se os convênios religiosos forem acatados e mantidos, a família SUD dedica-se a uma grande causa e encontra orientação e propósito nas suas atividades cotidianas.

Para completar estas bênçãos os pais introduzem seu modo de pensar na criança, desde a infância. Na tenra idade de três a seis semanas um bebê é abençoado e seu nome é mencionado nos registros da Igreja.

Durante os anos de formação, os pais ensinam a criança a se familiarizar com as doutrinas da Igreja e, assim, chegando à idade de oito anos

(revelada como a idade da responsabilidade), ele tem o desejo de ser batizado e confirmado um membro da Igreja.

Os jovens são instruídos de forma a se tornarem merecedores de serem ordenados diáconos no sacerdócio, com a idade de doze anos. (O sacerdócio é a autoridade para agir em nome de Deus e é a força pela qual a Igreja é governada.)

As moças também são ensinadas a viver com espírito humanitário, para que, quando alcançarem a maturidade, sejam merecedoras de casar com um sacerdote no templo de Deus e repartir as bênçãos que o sacerdócio traz ao lar. Jovens de ambos os sexos são admoestados a viverem retamente, a fim de que possam fazer missão e casar no templo.

Típico desta atitude é o crescente conhecimento, inculcado pelos pais, de que Deus é um Ser vivente, o Pai Celestial, a quem podemos pedir inspiração e ajuda.

As crianças são ensinadas a orar a Deus individualmente e em grupo familiar. Conforme a criança cresce, uma ardente convicção desenvolve-se juntamente com a crença de que Deus é seu pai e que ela deve viver de acordo com a Sua vontade. Estas crianças aprendem a guardar o nome de Deus e o nome de Seu Filho. São ensinadas que são responsáveis por suas próprias ações, e apesar dos seus pais as terem ensinado e guiado, devem aprender sozinhas a escolher entre o bem e o mal, o certo e o errado.

Em adição a estes ensinamentos espirituais, os pais instruem seus filhos em outros assuntos. O corpo humano é considerado como a residência terrena do espírito e é sabido que o espírito não atua eficazmente num corpo impuro.

Assim, a observância da Palavra de Sabedoria torna-se parte da vida familiar. De acordo com este ensinamento os membros da família não devem beber licor, chá ou café, ou fumar. Devem esforçar-se para exercer a moderação em todas as coisas e viver de acordo com os princípios de completa saúde.

Na observância desses princípios — tanto quanto de todos os outros, espera-se dos pais que sejam bons exemplos para seus filhos. Brigham Young, segundo presidente da Igreja, disse: “Se os pais continuamente mostrarem a seus filhos exemplos

merecedores de sua aceitação e aprovação de nosso Pai Celestial, eles seguirão a corrente, e a maré de sentimentos fá-los-á, eventualmente, desejarem mais a retidão do que a maldade.” (John A. Widtsoe, Discursos de Brigham Young, p. 208.)

Com relação aos hábitos e práticas consideradas indesejáveis, os pais mórmons não dizem a seus filhos: “Eu sou mais velho, está certo que eu fume e beba, espere até ter idade, então poderá fazê-lo também.”

Ao contrário, sua atitude é: “Se essas coisas não são boas para o seu corpo, elas são prejudiciais também para mim; vamos ajudar um ao outro a nos abster delas.”

No campo de atividade mental, os pais encorajam seus filhos a procurar sempre a verdade. São fortes defensores da educação formal e encorajam seus filhos a treinar suas mentes para que possam realizar suas potencialidades.

Esse desejo de crescimento mental é reforçado em conversações durante o jantar e freqüentes “reuniões familiares”, durante as quais é dado aos membros da família, oportunidade de desenvolver seus talentos e travar discussões sobre assuntos diversos, tanto quanto da doutrina religiosa.

Moralmente, as crianças são ensinadas que ganhamos pelo que trabalhamos. É-lhes ensinado, também, que as práticas impuras são contrárias aos princípios da igreja.

Enfim, são ensinados que não há duplo padrão de comportamento sexual um para os rapazes e outro para as moças. É esperado que reservem as relações sagradas e íntimas para o cônjuge com o qual esperam ser unidos no templo de Deus, para a vida e eternidade.

Em síntese, pode-se dizer que os pais SUD sentem-se recompensados por aceitarem os desafios da paternidade, quando vêem seus filhos crescerem e se desenvolverem e suas crenças religiosas tornarem-se um modo de vida. Eles se esforçam para viver numa escala eterna, constantemente procurando sempre servir a Deus e seus filhos e assim ganhar o privilégio de recuperar a presença do Pai do Céu. David O. McKay, atual presidente da Igreja, disse: “Deixem os princípios de honra, devoção e reverência interporem-se na vida do lar.” (David O. McKay, Caminhos da Felicidade, p. 118.)



Pergunte a Dona Jandira

Janice Dixon

Dona Jandira é a mais fabulosa mulher de quem já ouvi falar. Tem sete filhos e nunca move uma palha em sua casa. Sua família é tão bem treinada que tudo o que ela tem a fazer é organizar e supervisionar. Ela falou numa reunião, há alguns dias atrás e ensinou-nos como proceder.

Tenho quatro filhos: Carlos, Estêvão, Daniel e Lucí, mas estou convencida que posso obter os mesmos resultados. Oh, não é que não goste de trabalhar, mas como Dona Jandira diz “nenhuma criança deve aprender a vadiar. Tôda pessoa deve aprender que o trabalho é importante. O hábito do trabalho deve ser inculcado o mais cedo possível.”

Dois dias depois, iniciei a “operação trabalho.” Verifiquei cuidadosamente quais os serviços que precisavam ser feitos e os escrevi em tiras de papel. Isso faz o trabalho parecer um jôgo, diz Dona Jandira. Cada criança pegou uma, para ver qual a tarefa que lhe caberia. Estavam tão entusiasmados que felicitei-me pela minha eficiência. Carlos começou a usar o aspirador com um vigor tal que o resultado seriam móveis marcados, mas, enfim, tinha de aprender.

Estêvão começou a polir os móveis com um polidor de bisnaga e Daniel a lavar as janelas, também com uma bisnaga. O trabalho de Lucí era guardar os objetos espalhados. Ela era realmente muito pequena para tentar outra coisa.

Enterrei-me numa pilha de correspondência e por dez minutos tudo foi maravilhosamente.

Carlos começou a passar o aspirador na irmã e eu tive que vigiar seu projeto bem de perto. Enquanto estava tirando o vestido de Lucí de dentro do tubo, Estêvão e Daniel começaram uma guerra de bisnagas e o limpador de móveis ganhou. Separei-os e coloquei cada criança em um cômodo.

Depois de uma hora, achei que já haviam trabalhado bastante e mandei-os brincar. E foi muito bom, porque o aspirador estava entupido com u’a meia e diversas outras

coisas. Ambas as bisnagas estavam vazias, apesar de, antes do trabalho ser iniciado, estarem cheias. Encontrei as chaves do carro, um óculos, dois sapatos, a tartaruga, uma bonequinha e vários blocos alfabéticos no cesto de roupa suja. Lucí havia aceito a idéia de guardar os objetos, mas infelizmente não achara lugares adequados para colocá-los.

Mas não fiquei desencorajada. Além disso, a prática leva à perfeição, sempre diz Dona Jandira.

No dia seguinte decidi que as crianças deveriam ajudar novamente. A tarefa de Carlos seria cuidar do jantar. Estêvão deveria limpar o banheiro; Daniel poderia arrumar as camas e Lucí, novamente, guardaria os objetos espalhados.

Desta vez, não tentei fazer mais nada. Decidi que tudo o que poderia fazer seria supervisionar. Carlos estava ocupado no preparo da salada, assim, fui espiar Estêvão. O detergente voava por todos os lados, mas cheguei cinco minutos depois de poder salvá-lo. Uma lata grande foi usada só na banheira e na pia.

Perguntei-me como Dona Jandira permitia que seus filhos a ajudassem. O salário das arrumadeiras era razoável.

Estava certa de que o banheiro ficaria limpo, então verifiquei o projeto de arrumação das camas. Coisas que nunca tinham estado nelas apareceram. Encontrei diversos caminhões escondidos sob as cobertas.

“Os caminhões estão cansados”, explicou Daniel.

Durante êsse tempo já havia guardado os objetos espalhados, e ajudado meu filho de quatro anos a fazer as camas. Estêvão havia acabado de limpar o banheiro. Não havia sujeira para se ver porque tudo estava recoberto com uma camada de detergente verde. Acabei de limpar o detergente da banheira e fui ver como ia Carlos e o jantar. Êle havia decidido (e começado) a preparar tudo. O menu consistia de seis pacotes de geléia, misturados com 3 litros de suco de frutas (laranja, abacaxi, uva e limão, tudo junto), sanduíche de pasta de amendoim e panquecas.

Pesquei três latas de peixe no cesto de roupa suja e pensei que talvez houvesse perdido algum pedaço do discurso de Dona Jandira. O problema não era que as crianças não quisessem trabalhar. Era que êles se esforçavam demais. Atiravam-se ao trabalho com tanta energia...

“Trabalhar é divertido”, anunciou Carlos. “O que podemos fazer agora?”

Talvez Dona Jandira pudesse ajudar-me. Estava certa de que ela deveria ter tido o mesmo problema. Telefonei-lhe imediatamente.

“Possô falar com Dona Jandira?”

“Dona Jandira não está”, uma voz informou-me.

“Você é sua filha?”

“Não, as crianças também não estão. Eu sou a arrumadeira...”

O poema e a árvore

Olegário Mariano

Sei que nunca verei poema mais belo e ardente
do que uma árvore; uma árvore que encerra
uma boca faminta, aberta eternamente
ao hálito sutil e flutuante da terra.

Voltada para Deus todo o dia, ela esquece
os braços a pender de fôlhas, numa prece.
Uma árvore que ao vir do estio morno, esconde
um ninho de sabiás nos cabelos da fronte.
A neve põe sôbre ela seu níveo diadema
e a chuva vive na mais doce intimidade
do tronco, a se embalar nos galhos seus:

Qualquer mortal como eu sabe fazer um poema
mas, quem pode fazer uma árvore?

só Deus!...



UTAH POR QUATRO DIFERENTES ROTAS...

VARIG SERVINDO OS ESTADOS UNIDOS POR QUATRO DIFERENTES ROTAS. PARA LOS ÁNGELES, MIAMI E NOVA YORK – COM OU SEM ESCALAS – A VARIG TEM SEMPRE UM JATO PARA LEVÁ-LO A QUALQUER UMA DESTAS CIDADES. ATRAVÉS DO BOEING 707 OU DO CONVAIR 990A, O SR. ENCONTRARÁ IMEDIATAS CO-NEXÕES PARA UTAH OU PARA QUALQUER OUTRA LOCALIDADE DOS ESTADOS UNIDOS.

VARIG

RÊDE AÉREA INTERNACIONAL

COOPERE COM O ESFÓRÇO DO GOVERNO POU-PANDO DIVISAS, VIAJE PARA O EXTERIOR PELA VARIG – A PIONEIRA.

